

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**LUCAS FÉLIX DO NASCIMENTO**

**INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA:  
AS ESCOLAS DO PECEB EM SANTA CATARINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Graziela Fátima Giacomazzo

**CRICIÚMA**

**2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

N244i Nascimento, Lucas Félix do.

Inovação na educação básica : as escolas do  
PECEB em Santa Catarina / Lucas Félix do  
Nascimento. - 2019.

80 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do  
Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-  
Graduação em Educação, Criciúma, 2019.

Orientação: Graziela Fátima Giacomazzo.

1. Inovações educacionais. 2. Educação básica  
- Santa Catarina. 3. Formação humana. I. Título.

CDD. 22. ed. 371.33

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla - CRB 14/1101  
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

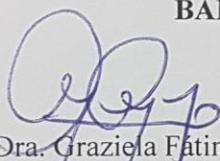
**LUCAS FÉLIX DO NASCIMENTO**

**“INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: AS ESCOLAS DO  
PECEB EM SANTA CATARINA”**

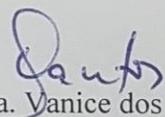
Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, 24 de setembro de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**



Profa. Dra. Graziela Fátima  
Giacomazzo Nicoleit  
(Orientadora – UNESC)

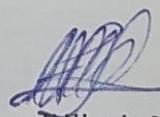


Profa. Dra. Vanice dos Santos  
(Membro - UNIPLAC)



Prof. Dr. Antonio Serafim Pereira  
(Membro -UNESC)

Prof. Dr. Vidalcir Ortigara  
(Suplente – UNESC)



Prof. Dr. Carlos Renato Carola  
Coordenador do PPGE-UNESC

Lucas Félix do Nascimento  
Mestrando

Ao meu pai, Pedro, e à minha mãe, Irelida.

## AGRADECIMENTOS

Início com meus agradecimentos a Deus, pelo milagre da vida, pelas conquistas e pelo que sou, por iluminar o caminho pelo qual trilhei e por colocar pessoas em minha vida que são exemplos positivos e, certamente, referências admiráveis.

Um título acadêmico de Mestre em Educação vem recheado de conquistas, mas também de compromissos e não há como deixar de agradecer a algumas pessoas que foram imprescindíveis para que esse percurso fosse trilhado, pessoas que compartilharão comigo essas conquistas e serão testemunhas das ações almejadas e concretizadas.

Aos meus pais, Pedro e Irelida, meu infinito amor e agradecimento. É necessário um reconhecimento pelos seus esforços em dar a mim o melhor que poderiam oferecer. Sempre me incentivam e zelam pelo meu melhor. Tenho plena consciência e certeza de que esse sonho somente foi possível por ter ao meu lado pais que acreditam e confiam na minha trajetória. Um obrigado ainda é pouco para expressar minha gratidão. Esse amor é incondicional!

A minha irmã Michele, pela família linda que construiu e que mesmo distante fisicamente se fez presente nessa caminhada. Vinícius e Sofia são presentes que mudaram nossas vidas para melhor. A vontade de deixá-los orgulhosos foi, sem dúvida, um grande incentivo nesse percurso.

Aos amigos e amigas que tenho ao meu lado, que me apoiam e compartilham comigo risadas e anseios. Sem esse apoio, incentivo ou palavra de afeto, esse sonho ficaria mais difícil de ser alcançado.

Minha gratidão especial à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Graziela Giacomazzo, minha orientadora, em quem eu pude confiar para me auxiliar e conseguir chegar até aqui. Ela, que acreditou no meu potencial, colaborou para meus avanços e esteve sempre disponível quando necessitei. É, sem dúvida, referência profissional e acadêmica. Aos professores, Dr. Antonio Serafim Pereira e Dr.<sup>a</sup> Vanice dos Santos, por aceitarem o convite a fazer parte desta Dissertação, sendo banca de qualificação e de defesa, colaborando grandiosamente com seus argumentos, elogios e problematizações, que potencializaram a produção deste trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESC, pelos ensinamentos que, no dia a dia, foram capazes de colaborar nesse processo formativo. Foram e serão sempre admirados pela competência. Estendo o agradecimento aos colegas que

iniciaram a jornada comigo em 2017, colaborando direta ou indiretamente para o meu desenvolvimento.

Um registro especial aos funcionários das escolas por onde caminhei para a produção desta Dissertação, sendo sempre receptivos, atenciosos e respondendo a todos os meus questionamentos. Foi possível ver o brilho nos olhos pelo cultivo dos belos projetos.

Por último, um agradecimento especial aos familiares, colegas, profissionais e alunos que puderam ver e colaborar, apoiar e me incentivar a conquistar meus objetivos.

“Se soubesse que o mundo se desintegraria  
amanhã, ainda assim plantaria a minha  
macieira.”

Martin Luther King

## RESUMO

O termo *inovação* ronda a Educação cada vez mais. É necessário inovar, mudar os processos educativos, as metodologias de ensino, a gestão escolar, a estrutura escolar, a didática, o currículo etc., para que as instituições de ensino não permaneçam numa inércia em meio aos avanços da sociedade contemporânea. Essa inovação na Educação pode almejar o desenvolvimento tanto qualitativo na formação humana, devido aos processos históricos, quanto à manutenção de práticas que valorizam o conhecimento reprodutivo, mercantilizado, focado no capital. Das escolas inovadoras possíveis para serem fonte de pesquisa, algumas se destacam pelo reconhecimento junto ao Ministério da Educação que, em 2015, conferiu título de inovadoras e criativas a 178 escolas e instituições, pelo Programa de Estímulo à Criatividade e Inovação na Educação Básica (PECEB). Com o objetivo de analisar as perspectivas teóricas que sustentam o conceito de inovação das escolas de Santa Catarina, eleitas pelo Programa do Ministério da Educação e para qual formação dos estudantes essa inovação contribui, o trabalho, a partir de uma revisão sistemática de literatura, aponta a pouca quantidade de produções sobre inovação na Educação, apresenta o vasto conceito e perspectivas teóricas da inovação na Educação ancorando-se especialmente nos autores Wanderley (1980), Saviani (1980), Ferretti (1980), Garcia (1980), Frigotto (1995), Cardoso (1997), Freire (2000), Morin (2006), Thiesen (2008), e Nogaro e Battestin (2016). Metodologicamente, caracteriza-se como uma pesquisa documental e de campo de modelo exploratória, que utiliza da entrevista, como instrumento para coleta de dados, com os responsáveis por inscrever as escolas no processo seletivo do PECEB, sendo realizada em três escolas premiadas do estado de Santa Catarina localizadas nas cidades de São João do Sul, Joinville e Blumenau. Foi possível constatar que nenhum projeto inovador dessas escolas foi criado apenas para o Programa em 2015, ainda é possível acrescentar que nenhuma das escolas apresentou em seus documentos pedagógicos oficiais um conceito definido sobre inovação na Educação e as atribuições dos grupos de trabalho instituídos pelo Programa não se concretizaram. Constatou-se que independente do PECEB, a inovação é apresentada pelas instituições como um movimento para superar práticas pedagógicas ultrapassadas e há permanência e reconfigurações dos projetos premiados. Diante do exposto, inovar, sem dúvida, é um grande desafio, assim como é extremamente necessário.

**Palavras chave:** Inovação. Educação Básica. Escolas Inovadoras. Formação Humana.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACTs	Admitidos em Caráter Temporário
ANA	Avaliação Nacional da Alfabetização
CEJA	Centro de Educação de Jovens e Adultos
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COMAR	Conservação Marinha do Brasil
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
GT	Grupo de Trabalho
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
IPEC	Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado
MEC	Ministério da Educação
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ONG	Organização Não-Governamental
PAP	Pessoas Aprendem Participando
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
PECEB	Programa de Estímulo à Criatividade e Inovação na Educação Básica
PPP	Projeto Político Pedagógico
REDALYC	Red de Revistas Científicas da América Latina y el Caribe, España y Portugal
RIEC	Rede Internacional de Escolas Criativas
SC	Santa Catarina
SciELO	Scientific Electronic Library Online
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 ESTADO DA ARTE: INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO .....</b>	<b>15</b>
2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTADO DA ARTE DE INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO E NA EDUCAÇÃO BÁSICA .....	17
<b>3 INOVAÇÃO: PERSPECTIVAS TEÓRICAS .....</b>	<b>21</b>
3.1 INOVAÇÃO DESENVOLVIMENTISTA PARA O MERCADO DE TRABALHO.....	23
3.2 INOVAÇÃO TRANSFORMADORA PARA A FORMAÇÃO HUMANA .....	29
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>37</b>
4.1 PRIMEIRA ETAPA: O PROGRAMA DE ESTÍMULO À CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA (PECEB) .....	39
4.2 SEGUNDA ETAPA: RECURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA .....	47
<b>5 ESCOLAS INOVADORAS DO PECEB EM SANTA CATARINA .....</b>	<b>48</b>
5.1 PROJETO INOVADOR: CEJA VEREADORA RITA DE QUADROS – SÃO JOÃO DO SUL.....	48
5.2 PROJETO INOVADOR: ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR ALUIZIUS SEHNEM – JOINVILLE.....	54
5.3 PROJETO INOVADOR: ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL VISCONDE DE TAUNAY – BLUMENAU .....	59
5.4 ESCOLAS INOVADORAS DO PECEB EM SANTA CATARINA: PERSPECTIVA TEÓRICA E O CONCEITO DE INOVAÇÃO.....	64
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>71</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>75</b>
<b>ANEXO A – QUADRO ESTADO DA ARTE – INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO.....</b>	<b>76</b>
<b>ANEXO B – QUADRO ESTADO DA ARTE – INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA .....</b>	<b>80</b>
<b>ANEXO C – ENTREVISTA COM EQUIPE TÉCNICA PEDAGÓGICA.....</b>	<b>79</b>
<b>ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO .....</b>	<b>80</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em minha vida acadêmica, na graduação em Educação Física – Licenciatura pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, o discurso e as ações sobre a docência na Educação Básica eram recheadas de críticas às propostas tradicionais de ensino, centradas na transmissão do conhecimento ao aluno. Paralelo a essas críticas, as escolas nas quais atuei e atuo, em seus discursos pedagógicos, apresentavam uma escola dos sonhos: um debate moderno, que vislumbrava uma instituição de ensino formadora de cidadãos críticos, portadores de opinião própria, supondo que tiveram, em sua formação básica, possibilidades efetivas para um desenvolvimento integral. Com objetivos de possibilitar avanços cognitivos, emocionais, físicos e sociais, sabemos que entre o discurso e a realidade da prática ainda existe um distanciamento.

Esse contexto sugere uma mudança para impulsionar avanços na prática pedagógica, na estrutura escolar, na relação professor aluno, na avaliação escolar, pois, afinal, não faz mais sentido, ou não deveria fazer, a instituição de ensino utilizar a mesma prática de décadas e, arrisco dizer, até de séculos passados. A inovação se apresenta como possível estratégia para as melhorias necessárias nos aspectos apontados.

É possível perceber, nos registros de Saviani (1991), tentativas de avanços no papel da escola. Surgiu como grande instrumento dos ideais liberais, apresentando-se como “escola redentora da humanidade”, em que desencadeou campanhas pela escola pública, universal e gratuita, surgindo, então, os chamados sistemas educacionais de ensino. Porém, a esperança depositada na escola fora frustrada, não conseguindo atingir os objetivos de redimir os homens da ignorância, da miséria moral e política e da opressão. Acreditando que o fracasso não estava na escola, mas no tipo de escola de que se dispunha, manteve-se a crença da “escola redentora da humanidade”.

Contudo, para que a escola pudesse cumprir seu papel, era imprescindível a mudança, desencadeando o movimento da escola nova, movimento em que as escolas deviam deixar de ser meros locais de transmissão de conhecimento para tornarem-se pequenas comunidades. A partir da Segunda Grande Guerra Mundial, o movimento escolanovista começou a perder forças, pois as atribuições dadas à escola eram superiores às suas possibilidades. Passa-se a falar em educação permanente, valorizando a educação informal, o movimento não-escolar, chegando ao ponto de se advogar pela destruição da escola. Nesse quadro, as atenções voltam

para as potencialidades educativas dos meios de comunicação de massa e ensaia-se o aproveitamento das conquistas tecnológicas no processo educativo.

Esse processo, aparentemente, sugere que uma etapa supere a outra, que é superada em seguida, e assim por diante. Entretanto Saviani (1980) alerta que não é assim que se dá o processo. O movimento da Escola Nova, por exemplo, não acabou com a escola convencional, que ainda é o padrão dominante nas redes escolares oficiais. O movimento escolanovista se constituiu, com algumas exceções, como escolas experimentais ou como núcleos raros, bem equipados, influenciando superficialmente os procedimentos adotados nas escolas oficiais.

Com esse breve histórico, é possível perceber que o conceito de inovação relacionado à Educação surge impregnado da concepção de que os avanços da ciência e da tecnologia auxiliariam o desenvolvimento econômico, social e cultural. Para essa visão, o progresso científico e tecnológico deveria consistir em benefícios e valorização onde quer que fosse empregado.

A inovação na Educação como meio de atualizar o ensino surge em dois possíveis contextos: devido aos processos históricos de modernização e as reais necessidades das crianças e jovens que almejam e necessitam de práticas pedagógicas diferentes das que eram abordadas em décadas e séculos passados, mas, também, devido à manutenção de práticas com foco no conhecimento informativo/reprodutivo, no capital, perpetuando um sistema de classes que utiliza estratégias para além, ou aquém, do avanço da Educação.

Considerando que as inovações na Educação se iniciam em oposição ao ensino tradicional, uma ruptura com a forma tradicional de ensinar e aprender (CUNHA, 2008), observa-se que são ações orientadas segundo às finalidades da Educação e as mudanças passíveis de ocorrer no âmbito do sistema de ensino, bem como da unidade educacional. Assim, as chamadas inovações educacionais geradas a partir do Século XX, preconizam mudanças quanto aos métodos de ensino. Entretanto verifica-se que as finalidades da Educação permanecem inalteradas e as experiências que planejaram a submissão da Educação à transformação da estrutura organizativa da sociedade foram insuficientes (GARCIA, 1980). Ou seja, as mudanças defendidas e ocorridas nas escolas ainda não alteram os objetivos anteriores à inovação.

Tal dualidade nos faz compreender que a inovação na Educação possui diversos objetivos, meios e fins, como, por exemplo: inovação desenvolvimentista voltada para o mercado de trabalho; e inovação transformadora para a formação humana.

Deparo-me, hoje em dia, com esses objetivos e métodos inovadores na Educação Básica, algumas leituras e buscas me levaram a conhecer o Programa de Estímulo à Criatividade e Inovação na Educação Básica do Governo Federal, programa que conferiu título de escola inovadora e criativa a 178 escolas e organizações não governamentais no ano de 2015, despertando o interesse pela pesquisa sobre qual a concepção de inovação das instituições de ensino e projetos educacionais foram premiados pelo Governo Federal, visando entender a real preocupação em relação às práticas inovadoras premiadas na Educação Básica.

Em Santa Catarina, quatro escolas possuem esse título, o que me instigou a visitar e conhecer essas iniciativas. Portanto a pesquisa apresenta como problema: Quais perspectivas teóricas sustentam o conceito de inovação das escolas de Santa Catarina, eleitas pelo PECEB do Ministério da Educação, contribuindo para qual formação dos estudantes? Para nortear a pesquisa, algumas questões surgiram para incitar o diálogo a respeito da inovação na Educação Básica: Quais são as perspectivas teóricas que abordam o conceito de inovação?; Quais são os critérios para a seleção das escolas consideradas inovadoras pelo PECEB?; Qual a intenção da inovação na Educação dessas escolas?

O objetivo geral é analisar as perspectivas teóricas que sustentam o conceito de inovação das escolas de Santa Catarina, eleitas pelo PECEB do MEC e para qual formação dos estudantes essa inovação contribui. Como objetivos específicos: estudar as perspectivas teóricas que abordam o conceito de inovação na Educação; compreender conceitualmente e criticamente os critérios para a seleção das escolas consideradas inovadoras pelo PECEB; identificar, a partir das escolas selecionadas em Santa Catarina, as propostas da inovação na formação dos estudantes.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos. Objetivando mapear o que se tem de produção a respeito da inovação na Educação, na Educação Básica, e verificar as possíveis lacunas nesse contexto, o estado da arte é o primeiro capítulo. Nele, é apresentado o resultado de 12 trabalhos que contribuíram para dar continuidade à produção a respeito do tema. O levantamento exposto se refere aos fins da investigação e à natureza dos conhecimentos produzidos.

O segundo capítulo refere-se às perspectivas teóricas de inovação, compreendendo que inovar é um verbo que vem cheio de valores e conceitos, buscando avanços para resultados desejáveis, são apresentados os diferentes significados de inovação, dependendo da ótica e intenção na qual é aplicada, sendo possível verificar que o tema engloba ações de diferentes

atores, em diferentes contextos em um determinado tempo, são discutidas as inovações desenvolvimentistas voltadas para o mercado de trabalho e as inovações preocupadas com a formação humana. Os autores com maior relevância no debate são Garcia (1980), Nogaro e Battestin (2016), Wanderley (1980), OCDE (2010) e Freitas (2016) que contribuem para discutir a inovação desenvolvimentista e Freire (2000), Saviani (1980), Hernandez e Sancho (2000), Ferretti (1980) e Pereira (2017), para discutir a inovação na Educação e a preocupação com a formação humana.

A metodologia apresentada no terceiro capítulo aponta a pesquisa numa abordagem qualitativa que se utiliza da pesquisa de campo de modelo exploratória para as coletas de dados. Portanto foram realizadas duas etapas para a organização e análise dos dados: um reconhecimento do Programa e das escolas, por meio da análise de documentos publicados para o processo seletivo que está disponível no site do Programa e uma visita, em que foram realizadas as entrevistas semiestruturadas com os profissionais que inscreveram as escolas no processo seletivo.

O quarto capítulo é uma apresentação das instituições premiadas pelo PECEB em Santa Catarina, uma análise da investigação realizada e das entrevistas que ocorreram em decorrência da visita nas escolas das cidades de São João do Sul, Joinville e Blumenau. Tal contextualização foi imprescindível para atingir os objetivos almejados nesta pesquisa. Em seguida, são expostos os contrapontos e questionamentos a respeito do Programa do MEC e da inovação na Educação Básica.

Por fim, as considerações finais incitam a compreender a inovação como um grande desafio, assim como extremamente necessária.

## 2 ESTADO DA ARTE: INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO

O termo *estado da arte* é utilizado para realizar levantamentos do que se conhece sobre um determinado assunto a partir de pesquisas realizadas em uma determinada área, ou seja, um mapeamento que permite ao pesquisador dar sequência às produções. Este estudo se justifica por possibilitar uma visão geral do que vem sendo produzido na área, dando possibilidades de identificar as lacunas ainda existentes nesse contexto. Neste capítulo, apresenta-se, primeiramente, o conceito de estado da arte e, na sequência, a metodologia utilizada para verificar o estado da arte da inovação e da inovação na Educação Básica. A investigação sobre inovação na Educação se torna fundamental para compreender tal problematização. Para tanto, foram utilizadas as contribuições de André (2005), e Romanowski e Ens (2006), que discutem as pesquisas denominadas “estado da arte”, evidenciando a importância dos estudos dessa natureza.

Romanowski e Ens (2006) citam que as pesquisas em Educação estão cada vez mais envolvendo diferentes aspectos e temas, André (2005) ressalta, em seu artigo, a preocupação para assegurar a qualidade dessas pesquisas em Educação, alertando que é preciso promover o debate em todas as instituições de ensino, nas agências de fomento, para criar condições concretas da avaliação do que seja uma boa ou uma má pesquisa. Há a necessidade desse aperfeiçoamento devido aos temas, aos enfoques, às abordagens metodológicas, ao contexto de produção, que, no decorrer das décadas, se ampliam e se diversificam.

Essa preocupação em busca da qualidade nas pesquisas em Educação permite levantar alguns problemas de diferentes ordens, destacado, também, por André (2005): questões referentes aos fins da investigação e à natureza dos conhecimentos produzidos; questões relativas aos critérios de avaliação dos trabalhos científicos; questões voltadas aos pressupostos dos métodos e técnicas de investigação, tanto nas abordagens qualitativas quanto nas quantitativas. A autora ainda salienta que as pesquisas em Educação vêm apresentando uma tendência de trabalhos voltados para um pragmatismo imediatista, produzindo propostas em sua aplicabilidade, do tipo utilidade social. Isso remete a uma supervalorização da prática e certo desprezo teórico.

Para Romanowski e Ens (2006), os estudos e publicações sobre a Educação não têm sido suficientes para que alterações significativas ocorram nos ambientes de formação, sejam escolares ou não escolares. Para as autoras, com base nesses aspectos, “pode-se dizer que faltam estudos que realizem um balanço e encaminhem para a necessidade de um

mapeamento que desvende e examine o conhecimento já elaborado e apontem os enfoques, os temas mais pesquisados e as lacunas existentes” (ROMANOWSKI; ENS, 2006, p. 38). Tal análise do campo investigativo é necessária neste tempo de intensas mudanças associadas aos avanços da tecnologia e da ciência (ROMANOWSKI; ENS, 2006).

Essa investigação do que foi produzido, o estado da arte, é uma procura para, segundo as autoras Romanowski e Ens (2006, p. 39):

[...] identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição das propostas na área focalizada. [...] Essas análises possibilitam examinar as ênfases e temas abordados nas pesquisas; os referenciais teóricos que subsidiaram as investigações; a relação entre o pesquisador e a prática pedagógica; as sugestões e proposições apresentadas pelos pesquisadores; as contribuições da pesquisa para mudança e inovação da prática pedagógica; a contribuição dos professores/pesquisadores na definição das tendências do campo de formação de professores.

Na tentativa de apresentar como definir uma boa pesquisa, André (2005), explica os critérios pelos quais são avaliados os projetos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) ou da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP): se os trabalhos apresentam uma relevância científica e social, se tem valorizado temas engajados na prática social, com um objeto bem definido, objetivos ou questões bem formuladas, metodologia adequada aos objetivos e os procedimentos metodológicos suficientemente descritos e justificados, uma análise densa, fundamentada, trazendo evidências ou as provas das afirmações e conclusões, fica claro o avanço do conhecimento produzido.

Uma análise do método de pesquisa tem apontado uma fragilidade metodológica nos estudos que, segundo a André (2005, p. 32), “tomam porções muito reduzidas da realidade, um número muito limitado de observações e de sujeitos, levantamento de opiniões com instrumentos precários, análises pouco fundamentadas, e interpretações sem respaldo teórico”. Para que esse estudo consiga avançar na produção do conhecimento, o estado da arte é necessário, visto que as fragilidades apontadas pela autora foram evitadas nesta pesquisa.

Para a realização do levantamento sobre o que foi produzido a respeito de inovação na Educação, utilizamos a plataforma de pesquisa REDALYC – Sistema de Información Científica Redalyc – Red de Revistas Científicas da América Latina y el Caribe, España y Portugal.

Os dados obtidos com a pesquisa realizada em maio de 2018, utilizando-se os descritores “inovação na educação”, refinada nos últimos cinco anos (de 2013 a 2017) em virtude de observar produções recentes, publicadas no Brasil, idioma português, obtivemos 33 resultados.

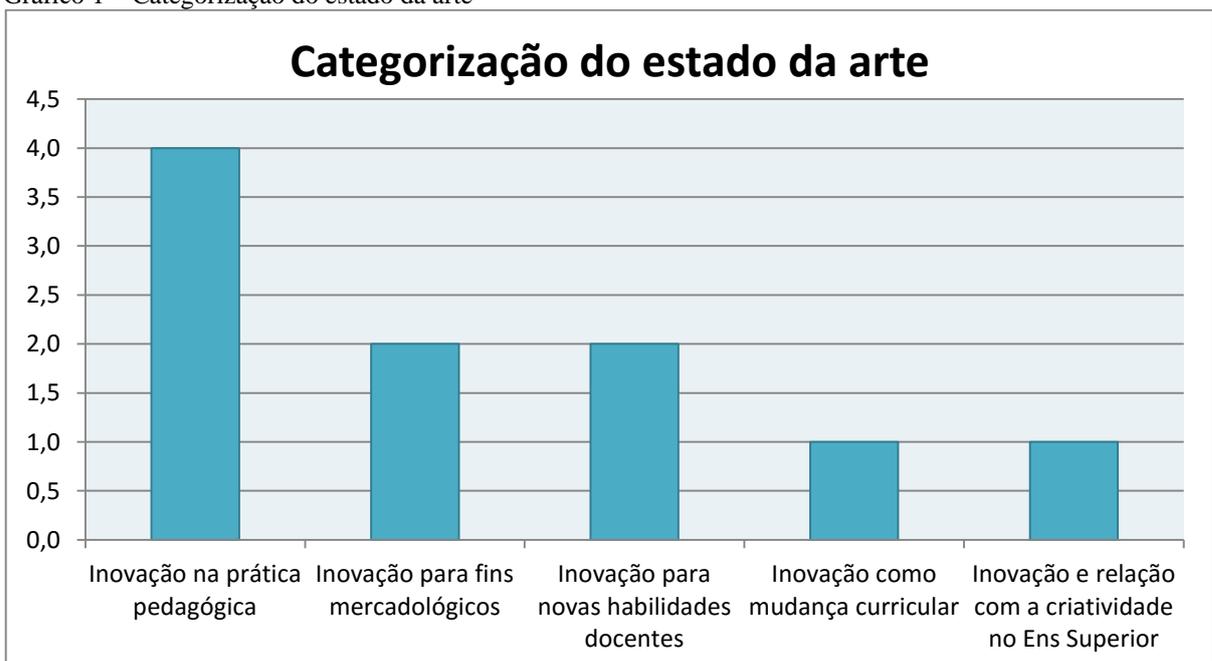
Ao fazer a leitura e análise dessas obras, foi possível constatar que apenas dez correspondem à inovação na Educação e são essas que compõem o estado da arte. As outras 23 obras não são temáticas do assunto, pois apenas utilizam, em algum momento, referências que o buscador do Redalyc anexou junto à pesquisa inicial, sendo a maioria delas relacionadas à integração da tecnologia, educação à distância e Ensino Superior.

Para expor os trabalhos analisados, um quadro (ANEXO A) com as referências das obras, com o campo da inovação em que é discutida, com o conceito de inovação que essas obras apresentam e os autores mais citados foi produzido.

## 2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTADO DA ARTE DE INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO E NA EDUCAÇÃO BÁSICA

No campo da inovação, os trabalhos analisados apresentam características que nos permitiram categorizá-las em cinco campos:

Gráfico 1 – Categorização do estado da arte



Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Com essa categorização, obtivemos quatro trabalhos em que inovação é entendida enquanto mudança na prática pedagógica por meio de novas metodologias de ensino; dois trabalhos em que a inovação é entendida para fins mercadológicos; dois trabalhos em que a inovação está atrelada à formação de professores devido aos currículos inovadores, uma busca para novas habilidades dos docentes; um trabalho no qual a inovação é entendida como mudança curricular; e um trabalho em que a inovação é entendida como a relação com a criatividade no Ensino Superior e a aplicabilidade de novas ideias. Esses trabalhos nos mostram um debate relacionado à ideia de inovação na Educação com fins metodológicos e o uso de tecnologia como estratégia na relação ensino-aprendizagem. Como consequência, uma preocupação para a formação de professores que estejam hábeis para encarar o trato do conteúdo curricular com um olhar diferente, inovador. O que remete para a terceira coluna do quadro (ANEXO A), para tentar entender qual inovação na Educação está sendo almejada, já que uma definição ou debate do conceito de inovação não é claro.

Em decorrência das pesquisas levantadas, a inovação pode ser entendida como um processo de mudança, uma flexibilização curricular e metodológica para melhoria do desempenho dos estudantes, de suas habilidades e competências; como uma ruptura com o paradigma tradicional de ensinar; como um processo de mudança curricular realizado pela comunidade escolar; como a luta para a emancipação de forma instituída e com os mecanismos de poder; como aplicabilidade de ideias criativas e, também, como estratégias para o desenvolvimento econômico.

A inovação na Educação se apresenta em forma de mudanças no paradigma curricular, metodológico, que visa à melhoria na relação ensino-aprendizagem, mas também como estratégia de avanços econômicos associada à administração, controle e avaliação. Tal debate é voltado para a formação continuada de professores e para o Ensino Superior, ou seja, o professor deve buscar constantemente o aperfeiçoamento para acompanhar as “necessidades” da Educação.

Os autores mais citados, como Cunha (2008), Masetto (2004), Saviani (1991), Veiga (2003) e Huberman (1973), são fontes para compreender o conceito de inovação em processos inovadores na Educação.

Para dar sequência à pesquisa, uma segunda etapa foi realizada a fim de buscar produções a respeito da inovação na Educação Básica. Foram utilizadas duas plataformas de

pesquisa: REDALYC – Sistema de Información Científica Redalyc – Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal; e, SciELO – Scientific Electronic Library Online.

Apresentam-se, a seguir, os dados obtidos com a pesquisa realizada em maio de 2018. Utilizando-se os descritores “inovação na educação básica”, na plataforma Redalyc, apenas um trabalho foi encontrado. Na plataforma SciELO, utilizando os descritores “inovação” e “educação básica”, refinada nos últimos cinco anos (de 2013 a 2017), assim como anteriormente, publicadas no Brasil, idioma português, área temática ciências humanas; educação e pesquisa em educação; ciências sociais, interdisciplinaridade; educação e disciplinas científicas, sendo o tipo de leitura composto de artigos, foram obtidos cinco resultados. Houve a necessidade de selecionar as áreas temáticas, já que essa plataforma de pesquisa indicava tal ação para o refinamento dos trabalhos.

Na leitura e análise das obras, foi possível constatar que três produções encontradas na plataforma SciELO não são temáticas do assunto e apenas utilizam, em algum momento, referências que o buscador anexou junto à pesquisa inicial. Portanto a análise feita a seguir é de dois artigos da plataforma SciELO e de um artigo da plataforma Redalyc.

Para expor os trabalhos analisados, foi criado um quadro (ANEXO B) com as referências das obras, com o campo da inovação na Educação Básica em que é discutida, com o conceito de inovação que essas obras apresentam e os autores mais citados.

Por ser o objeto de investigação a inovação na Educação Básica, fazem-se necessárias as considerações sobre o estado da arte dessa temática, que serão apresentadas a seguir.

Os três trabalhos analisados, assim como o estado da arte de inovação na Educação, se referem à inovação como uma mudança metodológica no ensino, uma mudança na prática pedagógica para otimizar a aprendizagem dos alunos. Porém apenas um trabalho alerta para a mercantilização da inovação na Educação, enquanto os outros dois trabalhos estão preocupados com as possibilidades de aulas diferentes, práticas, no ensino regular.

Cabe aqui reiterar que o estado da arte realizado objetivou mapear a área a ser pesquisada, para dar sequência às produções a respeito do tema inovação na Educação Básica. Assim como já mencionado, o levantamento aqui exposto se refere aos fins da investigação e à natureza dos conhecimentos produzidos e não à aplicabilidade ou um estudo bibliográfico dessas referências.

Os autores mais citados como Schumpeter (1982), Mota (2014), Krasilchik (1980), Campos e Niegro (1999) e Huberman (1973), também são fontes de pesquisas para

compreender o conceito de inovação e seu processo na Educação Básica. Ambas as pesquisas têm obras muito antigas, como também obras desta década.

No campo da inovação na Educação Básica, no período pesquisado (2013 a 2017), os trabalhos encontrados são poucos, o que habilita ainda mais a elaboração da pesquisa realizada, a fim de tentar preencher uma lacuna existente nesse campo da produção do conhecimento.

### 3 INOVAÇÃO: PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Inovar é um verbo que vem cheio de valores e conceitos, diretamente relacionado ao novo, para avanço e para introdução de mudanças que acarretem resultados desejáveis. Salienta-se, portanto, a importância do quanto a inovação pode ter diferentes significados, dependendo da perspectiva, argumentação, teoria, do julgamento e da relação que mantém. Tais apontamentos acarretam diferentes perguntas acerca dos conceitos de inovação. Apontando as possibilidades do contexto da inovação na Educação Básica e categorizando suas possíveis intenções, o objetivo deste capítulo é discutir o conceito de inovação na Educação, fundamentado teoricamente nas perspectivas teóricas que se apresentam.

Historicamente, pode-se verificar que a estrutura escolar, o currículo escolar, a didática e outros aspectos inseridos no contexto educacional tentam acompanhar os avanços sociais, econômicos e tecnológicos. Exemplo disso são as discussões progressistas de que o professor não é o detentor do conhecimento e que o aluno pode ter voz no ensino-aprendizagem. Esse debate está presente atualmente, por exemplo, nas preocupações com a evasão de alunos do Ensino Médio, com as incertezas do mercado de trabalho futuro, com a valorização do empreendedorismo, com políticas públicas, documentos e pareceres voltados para a inovação na Educação. Essas questões direcionam a reflexão sobre a inovação na Educação e sobre o papel da escola e da comunidade escolar nessa sociedade de classes. Mas o que é essa escola inovadora e o que ela tem de diferente? O que a inovação na Educação interfere no ensino e qual sua preocupação?

Inovação pode implicar alterações de sentido da prática pedagógica corrente e de maneira intencional, planejada e não espontânea. Pode apresentar diferentes significados, dependendo do contexto em que é aplicada, por vezes, o nível educacional central remete a inúmeras inovações em nível local, mas que perdem o sentido de compartilhamento por não considerarem os diferentes contextos educacionais de cada instituição. É possível compreender que inovação, nesse sentido, não é algo que vem de fora para dentro, não é algo que deva, ou que deveria ser incorporado às práticas pedagógicas das escolas por meio de uma orientação superior.

Inovação pode aproximar-se de reforma, renovação, novidade, ou mudança, mas Cardoso (1997) ressalta o cuidado que se deve ter com o uso do termo inovação como sinônimo de mudança, ou de renovação, ou de reforma. Para a autora, inovação somente pode

ser considerada mudança quando apresentar caráter intencional, deliberadamente planejada visando alterar a ação educativa, não podendo ser uma renovação, já que se subentende inovação como algo inédito.

Messina (2001) acrescenta que a diferença entre movimento e inovação reside no campo do conhecimento, que na primeira teria figurado, inicialmente, como um tema da Filosofia e depois das ciências naturais e sociais, enquanto na segunda se revitalizou nas últimas décadas nos estudos da administração.

Para Cardoso (1997), inovação compreende necessariamente a introdução de uma novidade num sistema educativo que promova uma real mudança resultante do esforço deliberado e conscientemente assumido, fruto de uma ação persistente e integrada num processo dinâmico, que objetive uma melhoria pedagógica.

Vista a quantidade de possibilidades dadas para a inovação na Educação, no Brasil, Krasilchik (1980) recorda a ação do Instituto de Educação, Ciência e Cultura, na década de 1950, no intuito de promover as primeiras inovações no ensino de Ciências das escolas secundárias brasileiras por meio da atualização dos conteúdos e materiais didáticos, utilização de novos métodos e técnicas, e na tentativa de tornar o ensino mais prático.

O autor Veiga (2003) discutiu o significado de inovação sob duas probabilidades: como uma ação de regulação e como uma ação de emancipação. A inovação de regulação dispõe de um caráter normativo e autoritário, reside dentro de uma lógica cognitiva-instrumental e se atenta em padronizar e controlar burocraticamente os mecanismos inovadores. Trata-se de diretrizes, formulários, fichas, parâmetros, critérios etc., proposto em nível nacional. Já a inovação de emancipação é idealizada como uma ação que excede as questões puramente técnicas, que conta com uma maior articulação com os saberes locais. Na definição de Veiga (2003), falar sobre inovação somente tem sentido se a preocupação básica for melhorar a qualidade da Educação para que todos aprendam mais e melhor.

Atualmente, o trato com a sustentabilidade e a ecoformação também devem ser perspectivas analisadas sob a ótica da inovação na Educação, já que tais temas são abordados como projetos escolares inovadores em programas educacionais governamentais, como por exemplo, a escola situada em Blumenau premiada com o título de inovadora e criativa pelo PECEB, que será especificada adiante.

A escola é o ambiente ideal para promover atitudes responsáveis e de sustentabilidade ambiental. A escola deve estimular a participação da comunidade escolar nas estratégias de desenvolvimento sustentável, em que cada pessoa terá sua contribuição, quando reavalia seus

hábitos de vida. Pois não faz sentido, sem a preservação do Planeta, lutar por melhores condições de vida. De nada adiantarão essas conquistas se não tiverem um planeta saudável para viver (GADOTTI, 2008).

Segundo Boff (1999), para cuidar do Planeta, precisamos passar por uma alfabetização ecológica e rever nossos costumes de consumo. Para isso, cada pessoa necessita descobrir-se como parte do ecossistema local, seja no aspecto natureza, seja em sua dimensão de cultura.

Uma escola sustentável não está ligada apenas à questão ambiental, ela abrange outras questões sociais, econômicas, culturais e espirituais. Para ser sustentável, a escola precisa ser segura, ser inclusiva e permitir acessibilidade e mobilidade para todos, respeitar os direitos humanos, promovendo a saúde das pessoas e do ambiente e a diversidade biológica, social, cultural, etnoracial e de gênero. Deve também favorecer o exercício de participação e o compartilhamento de responsabilidades e promover uma educação integral (MEC, 2012).

Em decorrência dos conceitos apresentados, é possível inferir que a inovação na Educação é um processo que engloba ações de diferentes atores, em diferentes contextos em um determinado momento histórico. A Educação que visa a atender aos interesses de uma determinada sociedade constitui-se também como campo de disputa, sobretudo ideológica. Essa contextualização do conceito de inovação, pensada e vivenciada na escola básica, nos remete a analisá-la sob duas óticas: a da inovação desenvolvimentista voltada para o mercado de trabalho, utilizando o discurso de inovação para a promoção econômica de determinadas escolas ou obrigações institucionais; e inovação da educação preocupada com a formação humana dos alunos.

Em seguida, são apresentadas essas duas possibilidades da inovação na Educação Básica, a fim de contextualizar esse campo por meio dos estudos de Garcia (1980), Nogaro e Battestin (2016), Wanderley (1980), OCDE (2010) e Freitas (2016) para discutir a inovação desenvolvimentista voltada para o mercado de trabalho e Freire (2000), Saviani (1980), Hernandez F e Sancho J. (2000), Ferretti (1980) e Pereira (2017), para discutir a inovação na Educação e a preocupação com a formação humana dos alunos.

### 3.1 INOVAÇÃO DESENVOLVIMENTISTA PARA O MERCADO DE TRABALHO

Uma vez que se pretende contribuir para a conceituação de inovação na Educação, considerando os contextos e sua historicidade, procurou-se realizar uma pesquisa para que,

além da investigação, se consiga problematizar o tema que é muito bem acolhido e defendido, mas, às vezes, sem um caráter de dúvida, pelas pessoas que atuam e exercem essas inovações na Educação Básica, a respeito de como essa inovação educacional está sendo colocada e quais as possíveis consequências dessa inovação. Garcia (1980) destaca também a não neutralidade do conceito de inovação e aponta que pode trazer em si valores positivistas de progresso e desenvolvimento. O autor assinala que inovação não é solução mágica que possa ser aplicada para resolver os problemas da Educação. Para o mesmo autor, muitas propagandas de inovação podem provocar até mesmo retrocesso e prejuízo à qualidade dos sistemas educacionais, assim, alertando que inovação na Educação deve ser acompanhada de problematizações como: a quem interessa; por quem foi proposta ou implementada e a quem poderá beneficiar. Isso significa abordar aspectos intrínsecos e extrínsecos da inovação.

Para muitos, inovação pode desencadear agregações com mudança, novidade, modernização, novos procedimentos, aperfeiçoamento técnico ou tecnológico, dentre outros. Em decorrência, veremos que a interpretação da inovação não é a mesma para quem a promove, para quem a põe em exercício ou para quem recebe sua ação.

Nogaro e Battestin (2016) relembram que a ideia de inovação se originou no contexto mercadológico, na empresa, como produção, em que inovar tem a ver com manter a atenção e o desejo do consumidor. Os autores discutem que o conceito de inovação foi pensado por Adam Smith no Século XVIII, quando analisou a relação entre a mudança técnica moderna e o acúmulo de capital, ocasionando uma nova estrutura de trabalho e a competição. Sob essa ótica, a inovação consistiu em um diferente método de produção, abrindo espaço para o novo. Os autores concluem que, dessa maneira, há, na inovação, maior propensão de assumi-la ou identificá-la como técnica, distanciando-se da compreensão da Educação para formação humana do indivíduo.

Tal problematização foi ponderada por Wanderley (1980), que no campo educacional, a demanda por mão de obra exigida pelo desenvolvimento econômico, as exigências de novas qualificações e habilidades, o processo educativo usado como meios dos setores dominantes para sua dominação política e controle social, entre outros fatores, desenvolveram as características fundamentais da Educação nas sociedades modernas.

Há um consenso generalizado na definição de inovação, segundo Wanderley (1980), como um dos processos de mudança social. O autor assinala duas abordagens principais que auxiliam o entendimento da inovação na Educação: uma atrelada aos marcos teóricos da

modernização e mudança social; e outra vinculada aos marcos teóricos da fundamentação marxista ou socialista.

A primeira abordagem se sustenta na dicotomia estabelecida entre a sociedade tradicional e a sociedade moderna, cada qual com componentes típicos. A mudança global seria a transição do tradicional para o moderno por meio de um processo acumulativo de mudança estrutural que abrange o desenvolvimento econômico, a modernização social e a modernização política. Todavia esse processo não é instantâneo, as transições apresentadas não ocorrem ao mesmo momento. Assim, uma sociedade pode estar numa etapa industrial moderna, com um sistema econômico avançado e, concomitantemente, pode apresentar um sistema educacional atrasado, representativo da etapa tradicional e que necessita ser modernizado (WANDERLEY, 1980).

Ainda nessa abordagem de inovação na Educação atrelada à modernização e à mudança social, decorrente do “mundo moderno”, é expressivo o avanço industrial, à modificação apressada do conhecimento científico em tecnologia, o aparecimento de novos ambientes humanos. Perante essa “nova realidade”, é possível exibir o crescimento quantitativo do sistema escolar, sem que fosse acompanhado correspondentemente o crescimento qualitativo.

A instituição escolar é compreendida como um sistema social autônomo, ou como um subsistema, em que devem ser enfatizados os fatores pertinentes aos atores (professores, alunos, administradores e funcionários), à relação entre esses (autoritária, competitiva, permissiva ou colaborativa), aos fatores de integração ao sistema (normas, valores, tradição, dentre outros), aos controles sociais internos (hierarquia administrativa, atos e resoluções, punições, avaliações etc.) e às interações ocorridas com a comunidade (WANDERLEY, 1980). Tais relações determinam a condução, o dia-a-dia da escola, podendo ser um ambiente favorável às inovações ou, de repente, apenas um ambiente de transmissão do conhecimento. Por ser esse subsistema, a instituição escola tem vigor para realizar transformações que almeja.

Antagonicamente, a análise da relação entre a Educação e a mudança social sob os marcos marxistas e socialistas têm como fator determinante para a compreensão da realidade o modo de produção, numa determinada formação social. Em cada período histórico, dá-se um desenvolvimento das forças produtivas materiais que, em certos estágios desse desenvolvimento, entram em conflito com as relações de produção vigentes, possibilitando grandes transformações sociais (WANDERLEY, 1980). Logo a mudança social desejada

ocorreria na transição de um modo de produção a outro a partir das condições concretas nos âmbitos social, econômico, político e ideológico em cada formação social. As práticas das classes populares são encorpadas como motor principal das transformações dos fatores que determinam as relações sociais estabelecidas com os demais grupos e classes sociais. Na congruência desses fatores, encontra-se a possibilidade de transformação social, a qual possui guarida na figura do trabalhador. É compreendido como o indivíduo inserido em uma sociedade urbanizada e industrializada, estratificada em classes, na qual o capitalismo se desenvolve plenamente, e cujos integrantes são submetidos a mecanismos de controle social que servem à lógica do capital. Nesse cenário, discute-se a atribuição do Estado na dinâmica capitalista e a formação do trabalhador que poderia ser protagonista de uma real transformação social, porém freado dentro do mesmo sistema de submissão, na busca pela autopromoção, a utopia criada para a elevação de nível social.

Bauman (2001) apresenta como metáfora o termo modernidade “líquida” que serve para ilustrar as mudanças nesse cenário: facilmente adaptáveis, fáceis de serem moldadas e capazes de manter suas propriedades originais. As formas de vida moderna, segundo ele, se assemelham pela vulnerabilidade de fluidez, incapaz de manter a identidade por muito tempo, o que reforça esse estado temporário das relações sociais. Há cem anos, ser moderno significava buscar um ponto de perfeição e, hoje, representa o progresso constante, sem resultado final único prestes a ser conquistado.

A inovação, nesse diálogo racional, atende a uma suposta fuga para algo que é considerado como uma existência dita superior, assim como atende também ao apelo da recuperação do caráter espontâneo da vida e superação de um estado ultrapassado, adquire força e encontra guarida na divisão do trabalho, sobretudo na escola. Entendida como um processo de mudança social, a inovação alcança um tratamento sistemático nas proposições teóricas de modernização. Nesse sentido, relaciona-se a um conhecimento novo, porém não necessita ser inédito, bastando que seja percebido como novo pelo indivíduo em um determinado contexto.

Teixeira (2010) considera inovação educacional como a criação de respostas novas aos desafios oriundos das necessidades de adequar os sistemas educativos à sociedade da informação e do conhecimento, a partir da análise e reflexão envolvidas no processo e nas esferas administrativas e pedagógicas dos diferentes níveis e modalidades de ensino, verificando ativamente as efetivas contribuições que tais inovações podem oferecer para enfrentar os desafios e produzir as respostas esperadas. Porém adequar a escola à sociedade

moderna é compreender a instituição de ensino como algo à parte, fora do atual contexto, o que acarreta numa busca incansável, em que a escola possa estar sempre um passo atrás do cenário social.

Em se tratando da ideia de inovação, enquanto engrenagem do atual modelo econômico, remete-se à Educação na perspectiva de manutenção do sistema produtivo e de um discurso para que os processos de inovação ocorram em todos os setores que movimentam a economia, para que o sistema produtivo continue dinâmico e progressivo. Nesse contexto, não somente a Educação, mas, principalmente, o professor exerce um papel determinante na formação para o mercado de trabalho, principalmente na disseminação dos conceitos e práticas que fundamentam o desenvolvimento das habilidades e competências necessárias para o fortalecimento da inovação. Para tanto, o discurso que se coloca no setor da Educação é que o professor precisa inovar-se, e assim, a inovação, a partir de seus princípios econômicos, torna-se essencial para uma Educação conforme se impõe no sistema capitalista. Todavia, o setor educativo deve ser devidamente capacitado, habilitado e, por que não dizer, programado para cumprir tal finalidade.

Na visão de Tonucci (2015 *apud* NOGARO; BATTESTIN, 2016, p. 363), a escola deve respostas às promessas constitucionais e às exigências de nossas sociedades atuais, devendo ser capaz de realizar uma revolução interna, uma mudança radical que a converta em uma escola para todos e para cada um. Desse modo, “a escola deveria assumir como seu principal objetivo o de ajudar cada um de seus discípulos a descobrir qual é o seu campo de excelência e trabalhar para lhe dar valor [...]”.

Nesse contexto, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2010) defende em seus princípios a relação entre Educação e inovação em dois aspectos: a *Educação para a inovação*, enquanto mecanismo próprio do atual modelo econômico e a *inovação da Educação*, como ideologia deste modelo econômico. Por fim, conceituando a inovação na Educação, a OCDE a apresenta como uma mudança que é introduzida com o objetivo de melhorar a operação dos sistemas de Educação, sua atuação, a satisfação observada dos principais parceiros, por todos eles, ao mesmo tempo (OCDE, 2010).

Completa-se a discussão com as contribuições de Freitas (2016) que alerta para os atuais modelos educacionais e dos profissionais da Educação que atuam ainda sob influências da ciência positivista, sem negar ou questionar a efetividade desse modelo para a prática pedagógica atual. “Todos os esforços para a melhoria da educação institucional são necessários diante dos desafios e dos problemas urgentes enfrentados, no entanto, serão pouco

aproveitados ou mesmo esquecidos se não abandonarem o ideal reformista e conciliatório com o capital” (FREITAS, 2016, p. 115).

### 3.2 INOVAÇÃO TRANSFORMADORA PARA A FORMAÇÃO HUMANA

Mudar implica saber que fazê-lo é possível. Em meio a tantas propostas, ideias, perspectivas oriundas de um sentimento de que a Educação está longe do que poderia ser, parte-se de um dos últimos escritos de Paulo Freire, que compreende que é possível mudar, em meio ao cansaço de tentar. Como educador, almejo uma escola formadora de cidadãos críticos, portadores de opinião própria, supondo que tiveram, em sua formação básica, condições efetivas para seu desenvolvimento humano, nos aspectos cognitivos, emocionais, físicos e sociais. Freire (2000), em sua segunda carta “*Do direito e do dever de mudar o mundo*”, do livro *Pedagogia da Indignação*, destaca que não é possível pensar em transformar o mundo sem sonho, sem utopia ou sem projeto, portanto esse subcapítulo é uma tentativa de compreender a inovação na Educação como possibilidade efetiva para a formação humana.

O conceito de inovação educacional ou inovação pedagógica, segundo Garcia (1980), abrange dimensões filosóficas, sociológicas, pedagógicas e metodológicas. Dessa forma, no âmbito filosófico, é observável o predomínio das concepções humanistas de Educação. A compreensão de inovação, para Saviani (1991), depende das diferentes concepções de Filosofia da Educação. De acordo com a concepção “humanista” tradicional, a inovação será um modo acidental, com modificações superficiais que jamais afetam a essência, as finalidades e métodos preconizados em Educação. Na concepção “humanista” moderna, opõem-se veemente aos métodos de ensino tradicional e centralizam-se suas propostas na atividade e na vida do educando. Nesse sentido, inovar na Educação seria essencialmente modificar os métodos e as formas de educar (SNYDERS, 1974 *apud* PEREIRA, 2017).

Na concepção filosófica analítica, a Educação é influenciada pelos estudos de análise da linguagem educacional, tendo ênfase no processo de comunicação na Educação, a inovação decorre da análise do contexto (linguístico) em que é utilizada e seu significado decorre do uso que dela se faz. Já na concepção filosófica dialética, o homem é compreendido como um conjunto das relações sociais, a Educação deve colocar-se a serviço da nova formação social em gestação no interior da formação dominante e a inovação apresenta caráter revolucionário que abrange não somente o que se opõe ao tradicional, mas o que se coloca a serviço das forças emergentes da sociedade (SAVIANI, 1991).

Uma inovação na Educação, voltada para a formação humana, se apresenta como contraponto do ensino tradicional, levando em consideração uma abordagem mais dialética, uma visão geral do educando que não é sujeito passivo na relação ensino-aprendizagem e a

escola é a organização que pode exercer o papel de superação da submissão social. Nesse sentido, Libâneo (2007) elenca cinco diretrizes para que a escola cumpra sua função, que seria a de garantir o desenvolvimento das capacidades cognitivas, promover bases de cultura visando o mundo de trabalho, ajudar os alunos a se constituírem como sujeitos na individualidade e na sua identidade cultural, formar para a cidadania e formar para valores éticos humanistas e humanitários.

Segundo Hernandez F. e Sancho J. (2000) um sistema educacional inovador, sem apenas fins desenvolvimentistas, é aquele no qual existem canais de comunicação entre o planejador e os que realizarão a inovação, todos os grupos relacionados com a inovação estão vinculados a ela; o sentido da inovação é claro para todos os grupos envolvidos e os conflitos são interpretados como sinônimo de que a inovação é necessária. Garcia (1980), nesse contexto, alertou para a necessidade de ampliar a inovação para além de metodologias, atingindo o sistema educacional. Para tal, seria preciso a não burocratização da inovação, abertura de espaços para a criatividade, reestruturações e análise de avanços e erros em sua execução.

Ferretti (1980) relembra que a Educação experimentou uma série de transformações, ou, como o autor salienta, desenvolvimentos que têm atingido desde macrossistemas, no caso dos sistemas escolares, até microssistemas, como no caso das salas de aula. Essas transformações podem ser resultado de ações planejadas ou decorrência de modismos. A primeira surge como alternativa de respostas a problemas e necessidades enfrentados por um dado sistema; a segunda constituída pela adoção mais ou menos “cega” de procedimentos considerados inovadores.

No Brasil, as inovações que foram observadas na Educação são expostas por Ferretti (1980), que as examina e faz compreender seus objetivos para o desenvolvimento humano, porém, é difícil separar as inovações voltadas para a formação humana do indivíduo, sem observar fins intrínsecos econômicos, desenvolvimentistas. São elas: inovações na organização curricular; inovações nos métodos e nas técnicas de ensino; inovações nos materiais instrucionais e tecnologia educacional; inovações na relação professor-aluno; inovações na avaliação educacional. O autor ainda aponta que há uma desconexão entre a proposta de inovação e a efetivação de sua prática.

Inovar, do ponto de vista da organização curricular, tem significado de propor uma estruturação curricular que promova a integração de conteúdos e objetivos de diferentes disciplinas, a interdisciplinaridade. Algumas inovações se apresentam no tipo de conteúdo a

ser abordado, em vez de serem determinadas pela organização dos campos do conhecimento humano, propõe que sejam determinados pelos fenômenos sociais ou pelo interesse e necessidade que o aluno define. A participação ativa do aluno em colaboração com o professor no planejamento e realização das atividades também se apresenta como inovação curricular. Tais inovações exibem um contraponto ao modelo curricular tradicional, no qual a ênfase era o desenvolvimento intelectual e passou a ser acrescentado o desenvolvimento físico e socioemocional (FERRETTI, 1980). Não podemos nos esquecer de que o currículo não é imparcial e, na seleção de seus conteúdos, projetos interdisciplinares e metodologias de ensino envolvem interesses econômicos e sociais. O currículo apresenta conflitos, contrassensos e resistências. Ele propaga uma cultura emergente, ou seja, sofre influência local, da classe econômica dos alunos e dos funcionários da escola.

Inovar, do ponto de vista dos métodos e técnicas de ensino, constitui a dimensão pedagógica mais afetada nas tentativas de mudança educacional, sendo que o professor tem mais controle, podendo ter mais condição de atuar, porém, sua interferência é limitada no domínio da sala de aula, ao material utilizado, às técnicas de avaliação e às relações professor-aluno. Essa inovação acaba sendo um instrumento para o professor introduzir, na realidade em que está inserido, modificações que considera pertinente, já que é um elemento concretamente manipulável. Em termos metodológicos, o significado de inovar é estruturar métodos de ensino que levem o aluno a utilizar habilidades intelectuais, a exercitar o pensamento reflexivo na solução de problemas e tomada de decisões. Aparece, nesse momento, a possibilidade de o aluno se envolver nos estudos de forma cooperativa, a valorização do trabalho em grupo, por meio do qual se estimula a participação em diferentes níveis (intelectuais, afetivos, emocionais, físicos e sociais) e a expressarem criatividade em cada um deles (FERRETTI, 1980).

Para Ferretti (1980), inovar nos materiais instrucionais e nas tecnologias educacionais aborda a manutenção de recursos utilizados tanto por alunos quanto por professores, sejam tais recursos lápis e papel, giz ou quadro digital, livros ou apostilas. Tal modificação tem o objetivo de tornar mais significativa a aprendizagem de conteúdo e o desenvolvimento de habilidades necessárias para o mundo atual.

Inovar, na relação professor-aluno, em decorrência das novas formas de organização curricular e de novos métodos de ensino anteriormente apresentados, é necessário, visto que o professor e o aluno passaram a manter relações diferentes. Em vez da posição de mando, de domínio, de detentor do conhecimento, encarnada pelo professor, e da posição de submissão e

passividade esperada do aluno, as inovações curriculares e metodológicas requerem uma nova ordem dessa relação. Do professor, espera-se a disposição de um otimizador de aprendizagem, mais do que um transmissor de informações. Do aluno, requer-se que abandone o papel de passividade em sua educação e passe a questionar, investigar, descobrir. A inovação nessa relação professor-aluno, portanto, espera a disposição intencional do professor para manter com o aluno um contato que se caracteriza pela cooperação, pelo estímulo das capacidades, pelos desafios à participação e pela atenção individualizada (FERRETTI, 1980).

Inovar, na avaliação educacional, é estender-se também à avaliação de atitudes, de habilidades específicas e de capacidades para desenvolver relações sociais satisfatórias, o que representa uma preocupação em avaliar o aluno como um todo, incluindo, por exemplo, seu contexto social. Tal procedimento ocorre como nas outras inovações: o aluno é solicitado a participar mais efetivamente no processo; na avaliação não seria diferente, surgindo a autoavaliação. Inovar, portanto, sob esse aspecto, significa obter continuamente uma coleta de dados, diversificar dimensões a serem avaliadas, bem como instrumentos e técnicas a serem empregados, privilegiar a verificação do domínio de habilidades necessárias à realização de atividades complexas (FERRETTI, 1980).

Para citar outras contribuições sobre a inovação na Educação em relação à metodologia de ensino, que não será aprofundada na pesquisa, são apresentadas como inter-poli-transdisciplinaridade (MORIN, 2006) as tentativas de superar a fragmentação do conhecimento, a divisão e a especialização do trabalho junto à diversidade das áreas que as ciências abrangem. Para Morin (2006), uma disciplina tende naturalmente à autonomia pela delimitação das fronteiras, da linguagem em que ela se constitui, das técnicas que é levada a elaborar e a utilizar e, eventualmente, pelas teorias que lhe são próprias, porém, não basta estar por dentro de uma disciplina para conhecer todos os problemas referentes a ela.

Frigotto (1995), ao discutir a interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais, direciona a um pensamento crítico, no qual a análise realizada é um esforço para compreender o homem enquanto ser social, sujeito e objeto das influências sociais e tal consideração leva a entender a problemática levantada para a interdisciplinaridade, que, assim como as ciências sociais, herdaram concepções empíricas, estruturalistas, positivistas, perpetuando um sistema de classes.

Portanto analisar de maneira dialética-histórica a interdisciplinaridade é uma possibilidade para concluir que ela tem papel fundamental no campo educacional, uma vez que as relações sociais não são neutras. Entender a importância da interdisciplinaridade é

compreender que o problema não é fragmentar o conhecimento para estudá-lo, mas que devem ser levadas em consideração as outras partes dessa fragmentação, que constitui o todo. E é isso que o autor faz: uma análise das influências que as ciências sociais receberam e as consequências disso (FRIGOTTO, 1995).

Para o autor, a interdisciplinaridade se apresenta como um problema “pelos limites do sujeito que busca construir o conhecimento de uma determinada realidade e seu caráter histórico. Todavia, esta dificuldade é potenciada pela forma específica com que os homens produzem a vida de forma cindida, alienada no interior da sociedade de classes” (FRIGOTTO, 1995, p. 31).

Para que ocorra a interdisciplinaridade efetiva no fazer pedagógico e na pesquisa, a condição prévia é de que “as concepções de realidade, conhecimento e os pressupostos e categorias de análise sejam criticamente explicitados” (FRIGOTTO, 1995, p. 47).

Ao falar de interdisciplinaridade, Fazenda (1994) considera uma relação de reciprocidade, de mutualidade, que pressupõe uma atitude diferente a ser assumida frente ao problema de conhecimento. É a substituição de uma concepção fragmentária para unitária do ser humano. Fazenda (1994) assegura que o diálogo é a única condição de possibilidade da interdisciplinaridade e, ainda, aponta cinco princípios que deveriam subsidiar uma prática docente interdisciplinar, são elas: humildade, coerência, espera, respeito e desapego.

Thiesen (2008), em seu artigo “*A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem*”, traz considerações que, se analisadas, acabam auxiliando na compreensão do tema.

Assim como outros temas que emergem das possibilidades da inovação educativa, a interdisciplinaridade, conforme apresentada por Thiesen (2008), precisa ser compreendida não apenas de maneira metodológica. Há necessidade de um aprofundamento epistemológico e pedagógico, que, por sua vez, produz uma compreensão para além de fins mercadológicos, econômicos; esse é o tema sobre o qual o autor discorre em sua produção.

O artigo de Thiesen (2008) acaba sendo um posicionamento crítico ao modelo positivista das ciências, ao neoliberalismo – abordado também por Frigotto (1995) –, que ramifica diversas áreas do conhecimento, parcela-as, hierarquiza-as, fragmenta-as, cujas raízes estão no empirismo, no naturalismo e no mecanicismo científico do início da modernidade, o que acaba exigindo cada vez mais uma especialização profissional em cada área, colocando fronteiras em que as possibilidades de apreensão do mundo pelos sujeitos acabam sendo limitadas.

A interdisciplinaridade, nesse contexto educacional, é compreendida dialeticamente como uma nova forma de organização do conhecimento, como uma ideia de interdependência e interatividade entre disciplinas, entre ideais, entre visão de mundo e homem que, a partir de um contexto da realidade, que é complexo e requer um pensamento abrangente, multidimensional, demonstra que se vive em rede. Acaba sendo um movimento importante de articulação entre o ensinar e aprender, já que a escola faz parte da sociedade e deve ser considerada como processo de vivência e não como apenas a preparação para viver, considerando a pluralidade de culturas, ideias, concepções que nela existem e a legitimam (THIESEN, 2008).

Pereira (2013) se propôs a realizar um estudo para compreender o que discursos, registros e práticas se aproximam ou se distanciam da inovação, da interdisciplinaridade. Um estudo etnográfico realizado em uma escola pública do Rio Grande do Sul apresentou resultados práticos das denúncias teóricas feitas por Thiesen (2008) e por Frigotto (1995), por exemplo: interdisciplinaridade como princípio inovador, visando superar a fragmentação, mas sem compreender o que significa; ou integrar e cooperar como metodologia de ensino.

Uma visão mais metodológica da interdisciplinaridade é o que se defende em diversas escolas e é trabalhada por diversos professores, em que, sem o diálogo prático proposto por Pereira (2013), fica difícil avançar na superação das limitações desses contextos, tanto é que a formação continuada se sobressai como prioridade entre os professores do estudo realizado pelo autor. Vale destacar a importância dada para o estudo e para os avanços que o esse proporcionou para tal comunidade escolar e para debates oriundos dessa experiência.

Tanto Frigotto (1995) quanto Thiesen (2008) trazem considerações relevantes, críticas e de muito valor reflexivo para as perspectivas que atualmente surgem nesse contexto de inovação educacional. Foi acrescida a compreensão para além do metodológico que a interdisciplinaridade oferece: uma análise mais epistemológica, dialética, dando mais razão para continuar lutando pela qualidade da Educação.

Ainda há uma necessidade de explorar e problematizar a interdisciplinaridade como a articulação entre diferentes disciplinas. Young (2011) se propôs a defender um currículo centrado nas disciplinas. A crítica realizada é em razão ao verdadeiro papel e local do conhecimento em si, na Educação. Essa interdisciplinaridade que busca diminuir a fragmentação do conhecimento, que recai nos aprendizes, seus estilos diferentes de aprendizagem e seus interesses, nos resultados mensuráveis de aprendizagem e competência e

ainda, em como tornar o currículo relevante para suas experiências e sua futura empregabilidade, para o autor, frequentemente tem objetivos progressistas.

Segundo Young (2011) é necessário tornar a questão do conhecimento a preocupação central e, para tanto, seria necessário uma abordagem ao currículo baseada no conhecimento e na disciplina e não no aluno, como presume muitas propostas inovadoras. O autor ainda defende que essa problematização não seriam a defesa do modelo tradicional de ensino, que é dado como algo que os estudantes têm que acatar e sim, como uma consideração de que o conhecimento é exterior ao aluno, mas tem uma base social e histórica. Esse diálogo é realizado entre um currículo baseado em acatamento e um currículo baseado em engajamento.

Já para a transdisciplinaridade, Morin (2006, p. 138) nos traz que a verdadeira questão na Educação não é o “fazer transdisciplinar, e sim, que transdisciplinar é preciso fazer?”. Para o autor, é preciso promover uma nova transdisciplinaridade, de um paradigma que, decerto, permite distinguir, separar, opor e, portanto, dividir relativamente esses domínios científicos de cada disciplina, mas que possa fazê-los se comunicarem sem operar a redução.

Morin (2006) expõe que o paradigma que denomina simplificação é insuficiente e mutilante, portanto, é necessário um paradigma complexo, que, ao mesmo tempo em que separa, se associa, que conceba os níveis de emergência da realidade sem os reduzir às unidades elementares e às leis gerais, a Educação como uma grande engrenagem.

A inovação na Educação Básica, como mudança, implica desnaturalizar ou distanciar-se do comum, do que se constituiu que, segundo Messina (2001), é tão estruturante quanto estruturado. Mudar altera normas, regime ou o modo como organizamos a vida, e não há mudança sem uma estranheza inicial, sem desafios a serem superados. Não é fácil, por exemplo, mudar a prática pedagógica de um professor que está há anos em sala de aula e/ou mudar uma estrutura que, precariamente, recebe recursos para manter o básico.

Não se pode inovar sem pensar no futuro, no que pode vir a ser, no que ainda não é, mas possui potencial para tornar-se. “Essa capacidade de vir a ser algo que ainda não é ou de fazer algo que difere do que é feito agora, está na essência do aprender do ser humano, como construtor de si mesmo” (NOGARO; BASTTESTIN, 2016, p. 364).

Essa mudança que Freire (2000) aponta como luta para a não desistência, para a não acomodação, na escola, nas práticas pedagógicas, nos sistemas educacionais, deve ir para uma formação acadêmica além do mercado de trabalho, pensada também como outras possibilidades de organização, em que as ações ocorram certamente por todos os atores escolares, não apenas realizando, mas pensando, discutindo, propondo, sem deixar de lado o

conhecimento científico mais atual que a humanidade já produziu, dispondo um indivíduo responsável para viver e conviver numa sociedade pluralista e humana.

## 4 METODOLOGIA

Diante do exposto no referencial teórico adotado, em razão do problema e dos objetivos da pesquisa e, ainda, em face da discussão realizada acerca da relação entre inovação desenvolvimentista e inovação para a formação humana, no âmbito escolar, verificou-se que o método de pesquisa para os objetivos expostos deveria possibilitar o desvelar da ação desses projetos nas escolas consideradas inovadoras. Assim, caracteriza-se a pesquisa numa abordagem qualitativa que se utilizou da pesquisa documental e da pesquisa de campo de modelo exploratório para a coleta dos dados.

Pesquisa documental significa consulta a documentos, registros pertencentes ou não ao objeto de pesquisa estudado, aos quais se recorre para buscar informações úteis para o entendimento e análise do problema. Procedimento necessário para o conhecimento e identificação do problema, sem o qual a busca da solução será inócua e sem eficácia. No caso de documentos pertencentes ao objeto da pesquisa, devem ser pesquisados documentos que reflitam a natureza, a filosofia, a política referente ao contexto em que o objeto está subordinado, tais como: regimentos, estatutos, diretrizes e etc..

Conforme Gil,

“a pesquisa documental apresenta algumas vantagens por ser “fonte rica e estável de dados”, não implica altos custos, não exige contato com os sujeitos da pesquisa e possibilita uma leitura aprofundada das fontes”. (GIL, 2002, p.62-63)

Já a pesquisa de campo é uma modalidade de pesquisa realizada quando o tema escolhido ainda não possui suficientes fontes de referência e não apresenta hipóteses consistentes para servir de ponto de partida. Possibilita melhor conhecimento ao pesquisador acerca do fenômeno que deseja investigar num estudo posterior, descrevendo comportamentos de fenômenos, definindo e classificando os fatos, não objetivando encontrar solução para um problema (MARTINS JUNIOR, 2008).

Por meio da pesquisa de campo, busca-se conhecer aspectos importantes e peculiares do comportamento humano em sociedade, envolvendo estudos de opinião ou grupos de pessoas. São utilizados instrumentos como: questionários, entrevistas, protocolos verbais e observações, tendo como vantagem desse tipo de pesquisa trazer elementos atuais, o que dá ao trabalho um referencial social e humano do contexto pesquisado. Tendo como objetivo imediato analisar, catalogar, classificar, explicar e interpretar os fenômenos que foram

observados e os dados levantados, reafirmando que os elementos devem ser os mais fidedignos possíveis, sem qualquer tipo de alteração ou interferência (FURASTÉ, 2007).

A pesquisa de campo é também considerada uma fase realizada após o estudo bibliográfico, para que o pesquisador tenha um bom conhecimento sobre o assunto (MARCONI; LAKATOS, 1996).

A pesquisa de campo exploratória tem como finalidade tornar o conhecimento do pesquisador mais aprofundado e o ajudar a familiarizar-se com o assunto que está sendo tratado. É usada para facilitar a realização de um questionário ou para ser base de alguma pesquisa futura (CERVO; BERVIAN, 2002).

A pesquisa de campo de abordagem qualitativa se difere da quantitativa à medida que não emprega, necessariamente, um instrumental estatístico como base no processo de análise de um problema. A pesquisa trabalha com a linha de raciocínio do tipo dedutivo, classificado como método quantitativo nos questionários, assim como na maioria das técnicas empregadas neste estudo. A pesquisa qualitativa se preocupa, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser simplesmente quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (TRIVIÑOS, 1987).

Sendo assim, foram realizadas, nas escolas de Santa Catarina eleitas pelo PECEB, duas etapas para a organização e análise dos dados: um reconhecimento do Programa e das escolas por meio da análise de documentos publicados para o processo seletivo que estava disponível no site do Programa e uma visita, na qual aconteceram entrevistas com os sujeitos da pesquisa, que são os profissionais que inscreveram as escolas no processo seletivo. A organização e a análise dos dados foram feitas à luz do referencial teórico, a partir das situações que emergiram da pesquisa de campo.

Inicialmente, a exploração para o reconhecimento do Programa se deu pela página disponibilizada na internet<sup>1</sup>, a qual apresenta a iniciativa do Programa, o que é inovação e criatividade, um mapa da inovação, os grupos de trabalho responsáveis pelo programa e documentos publicados para sua efetivação. Em seguida, uma exploração do Mapa de Inovação e Criatividade, que apresenta uma pequena introdução sobre as instituições e um vídeo explicando, superficialmente, o projeto das escolas inovadoras e criativas que se candidataram e foram escolhidas.

---

<sup>1</sup> [www.criatividade.mec.org.br](http://www.criatividade.mec.org.br) A página não está mais disponível para acesso.

Na sequência, apresentamos a primeira etapa da pesquisa: um reconhecimento do Programa e das escolas inovadoras e criativas em Santa Catarina selecionadas para investigação.

#### 4.1 PRIMEIRA ETAPA: O PROGRAMA DE ESTÍMULO À CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA (PECEB)

O Programa de Estímulo à Criatividade e Inovação na Educação Básica foi instituído pelo Ministério da Educação no ano de 2015, sendo regulamentado por Portarias e Boletins de serviços visando à divulgação do trabalho desenvolvido pela iniciativa, bem como a sua regulamentação. Foi desenvolvida a plataforma virtual *Inovação e Criatividade na Educação Básica*, localizada no site [www.criatividade.mec.gov.br](http://www.criatividade.mec.gov.br), disponibilizando, pelo MEC, publicações que elucidam os objetivos do Programa, sendo: a iniciativa, o que é inovação e criatividade e o mapa das inovações. É importante salientar que os textos publicados apresentam autoria institucional, são compreendidos como publicações do Programa, cabendo à inferência de que são supervisionados pelo Grupo de Trabalho que dirige a iniciativa em âmbito nacional, tal como será discriminado a seguir. Portanto é cabível proceder a investigação dos documentos e publicações citadas para colaborar com o alcance dos objetivos da pesquisa.

Figura 1 – Site *Inovação e Criatividade*



Fonte: BRASIL (2015a).

Uma Portaria instituiu o Grupo de Trabalho que, segundo o documento, é responsável pela orientação e acompanhamento da Iniciativa para Inovação e Criatividade na Educação Básica, do MEC, em âmbito nacional. São atribuições do grupo: “monitorar o desenvolvimento da Iniciativa para a Inovação e Criatividade na Educação Básica; ratificar documentos de referências sobre a inovação e criatividade na Educação Básica, e; organizar grupos de trabalhos regionais”. (BRASIL, 2015).

Outra Portaria que institui a Comissão de Orientação e Acompanhamento de Iniciativa para a Inovação e Criatividade na Educação Básica do MEC, para a qual estabelece como atribuições:

- I – monitorar o desenvolvimento da Iniciativa para Inovação e Criatividade na Educação Básica;
- II – acompanhar o desenvolvimento das organizações reconhecidas pelo MEC como inovadoras e criativas, em especial os resultados aferidos pelos estudantes;
- III – ratificar documentos de referência sobre a inovação e criatividade na Educação Básica, e;
- IV – organizar em rede as iniciativas regionais. (BRASIL, 2015)

Essa Portaria regulamenta, ainda, que “poderão ser convidados para as reuniões da comissão representantes de outros órgãos e entidades públicas e privadas, e especialistas, para emitir pareceres ou fornecer subsídios para o desempenho de suas atribuições” (BRASIL, 2015). A comissão, o Grupo de Trabalho, deverá, ainda, reunir-se anualmente sempre que for convocada.

Um Boletim de Serviços instituiu o Grupo de Trabalho regional que, conforme apontamento, é responsável pela orientação e acompanhamento da iniciativa para inovação e Criatividade na Educação Básica do MEC no estado de São Paulo. O documento designa 18 membros para o Grupo de Trabalho regional. Da mesma forma, seguindo as mesmas atribuições e estrutura de funcionamento, outro Boletim de Serviço institui o Grupo de Trabalho regional nos diversos estados brasileiros.

Conforme o texto intitulado “A *Iniciativa*”, publicado na plataforma virtual, o Programa tem como objetivo geral “criar as bases para uma política pública de fomento à inovação e criatividade na educação básica” (BRASIL, 2015a). Os objetivos específicos do Programa são enunciados em sete itens:

- Estabelecer parâmetros e referenciais em inovação e criatividade na educação básica.

Conhecer a extensão, a distribuição geográfica e o perfil da inovação e criatividade na educação básica brasileira.

Fortalecer as organizações educativas inovadoras e criativas.

Ampliar o impacto das experiências inovadoras relevantes para além de seu polo inicial.

Criar, ampliar e qualificar a demanda social por educação inovadora e criativa.

Promover a formação de educadores abertos e qualificados para a inovação e criatividade.

Promover a reorientação das políticas públicas de educação básica a partir do referencial da criatividade e inovação (BRASIL, 2015a).

As ponderações oferecidas para a implementação do Programa em âmbito nacional têm como apoio uma análise singular do cenário educacional no Brasil e no mundo. Em relação aos processos sociais, o Programa apresenta eventos que marcaram a história da Educação nas últimas décadas, gerando a necessidade de mudanças significativas nesse contexto. Assim, salienta que o primeiro processo social que deve ser analisado diz respeito ao avanço das tecnologias de comunicação e, dessa forma, justifica:

O primeiro destes processos é o desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação que facilitam o autoaprendizado, a formação de comunidades de aprendizagem e de redes e a produção de conhecimento em diversos suportes a custos muito baixos. As pessoas de todas as idades, inclusive as crianças, têm hoje condições de realizar pesquisas sobre assuntos de seu interesse, discuti-los com outros mais velhos, mais jovens ou da mesma idade, pessoas que vivem próximas ou do outro lado do planeta. As pessoas também podem – e frequentemente o fazem – produzir artigos, revistas, sites, vídeos, fotografias, filmes, programas de rádio com bastante facilidade e atingir um público relativamente amplo. A forma do aluno passivo, sentado, durante horas por dia, em uma carteira, apenas recebendo aulas não dialoga com esta nova realidade do campo da comunicação (BRASIL, 2015a).

Devido ao avanço das diferentes tecnologias que, segundo os autores (BRASIL, 2015a), há a necessidade da adaptação da escola para acolher às novas exigências, fato exemplificado no texto: “A forma do aluno passivo, sentado, durante horas por dia, em uma carteira, apenas recebendo aulas não dialoga com esta nova realidade no campo da comunicação”.

Outro processo destacado pelo texto faz alusões à articulação entre os pressupostos da Educação ideal e o mundo de trabalho. É clara a concordância do texto em questão com as premissas de uma sociedade dirigida pelas relações capitalistas de produção. Há, ainda, a evidente afeição aos pareceres da racionalidade tecnológica, bem como destaque em uma relação direta entre a coerência da técnica e o currículo escolar, nas afirmativas dos autores:

Cada vez mais, as relações de trabalho são menos regulamentadas, as carreiras mais imprevisíveis e os caminhos profissionais multiplicam-se. Com expectativa de vida mais longa, a probabilidade é que as pessoas possam desenvolver mais de uma carreira; também a dinâmica da economia tem reduzido o tempo que as pessoas

permanecem nas mesmas organizações. Além disso, as fronteiras entre as áreas de atuação estão cada vez mais fluídas. Especialistas precisam também ter conhecimento de trabalho em equipe e estratégias de comunicação, engenheiros se confundem com campos da administração, pesquisas científicas precisam dialogar cada vez mais com a ética, novos campos de atuação são criados conectando saberes e competências diversas. A estrutura curricular baseada em disciplinas não dialoga com esta nova configuração do mundo do trabalho (BRASIL, 2015a).

O terceiro processo social afirmado se refere às alterações que afetam o nosso Planeta e apontam, dessa forma, para um entendimento de Educação que se preocupa também com a sustentabilidade. Contudo o texto no site referente ao PECEB revela a ascensão de uma educação mecânica, pois visa à habilitação técnica capaz de resolver, em uma perspectiva científica, as problemáticas vindas das ações do homem sobre a natureza, bem como a apreensão de condutas mais sadias em relação ao meio ambiente. Nesse sentido, os autores enfatizam:

Por fim, crescem também as exigências de atitudes éticas, mais prudentes e criativas em relação ao planeta. O risco da ausência de futuro se tornou realidade e, diante disso, as novas gerações precisarão criar soluções novas para problemas que hoje ainda parecem insolúveis. Torna-se necessário que estas pessoas, para além de memorizar conteúdos, aprendam a pesquisar, criar e valorizar novas atitudes e comportamentos. Daí a importância da experimentação, do engajamento e da capacidade de desenvolver projetos (BRASIL, 2015a).

Com tais revelações, o Programa apoia a ideia de que a Educação precisa ser levada para além dos muros da escola. Contudo a escola, enquanto instituição socialmente reconhecida e consolidada, comprova uma prática em dissonância com as necessidades e exigências do Século atual. O conservadorismo é dominante devido ao desconhecimento de possibilidades para a questão (BRASIL, 2015a).

Segundo os autores que produziram o texto referencial do Programa, exposto no site do MEC, para transformar o referido panorama, ou seja, para a escola atuar conforme necessidades e exigências do Século, é necessário reconhecer as iniciativas educativas que estão não apenas nas escolas, cujos princípios organizacionais estimulam a autonomia, a flexibilidade, a participação, a integração com a comunidade e o uso das diferentes tecnologias e, dessa maneira, realizam o que o texto denomina como “intervenções inovadoras” que, uma vez em convergência com as políticas de governo, podem produzir as mudanças necessárias no campo da Educação (BRASIL, 2015a).

O MEC aponta, na plataforma virtual, na publicação que recebe o título de “*O que é inovação e criatividade*”, os sentidos situados para dimensionar a criatividade e a inovação na

Educação Básica. É válido ressaltar que o texto é simples, visto que não apresenta referencial teórico adotado e exposto. Assim, os sentidos seriam:

- Gestão

Corresponsabilização na construção e gestão do projeto político-pedagógico: Estruturação do trabalho da equipe, da organização do espaço, do tempo e do percurso do estudante com base em um sentido compartilhado de educação, que orienta a cultura institucional e os processos de aprendizagem e de tomada de decisão, garantindo-se que os critérios de natureza pedagógica sejam sempre preponderantes.

- Currículo

Desenvolvimento integral: Foco na formação integral, reconhecendo a multidimensionalidade da experiência humana – afetiva, ética, social, cultural e intelectual.

Produção de conhecimento e cultura: Estratégias voltadas para tornar a instituição educativa espaço de produção de conhecimento e cultura, a partir das identidades do território, que conecta os interesses dos estudantes, os saberes comunitários e os conhecimentos acadêmicos e, com base nesta conexão, transforma o contexto socioambiental.

Sustentabilidade (social, econômica, ecológica, cultural): Integração de práticas que promovam uma nova forma de relação do ser humano com o contexto planetário.

- Ambiente

Espaço compatível com novas práticas educativas: Ambiente físico que manifeste a intenção de educação humanizada, potencializadora da criatividade e convivência enriquecedora nas diferenças.

Ambiente acolhedor e solidário: Estratégias que fomentam um ambiente voltado para a aprendizagem, com estímulo ao diálogo entre os diversos segmentos da comunidade, a mediação de conflitos por pares, o bem-estar de todos, a valorização da diversidade e das diferenças, colaborando com a promoção da equidade.

- Metodologia

Protagonismo do estudante: Estratégias pedagógicas que reconhecem os estudantes como participantes ativos em redes sociais e comunitárias, onde interagem, colaboram, debatem e produzem novos conhecimentos. Estas estratégias potencializam o uso que os estudantes fazem dos diversos recursos e tecnologias, inclusive as digitais, para ampliar suas interações e exercer sua autonomia.

Personalização: Estratégias pedagógicas que reconhecem os estudantes em suas singularidades e garantem que todos possam aprender, de acordo com seus ritmos, interesses e estilos.

Projetos: organização de projeto de interesse dos estudantes que impactem a comunidade e que contribuam para a sua formação profissional.

- Intersetorialidade

Rede de direitos: Estratégias intersetoriais e em rede, envolvendo a comunidade, para a garantia dos direitos fundamentais dos estudantes, reconhecendo-se que o direito à educação é indissociável dos demais (BRASIL, 2015c).

No que se expõe durante a pesquisa, sobre o conceito de inovação na Educação, é evidente que os sentidos nos termos do MEC, estabelecidos para orientar o ideal de uma educação criativa e inovadora estão centrados, sobretudo, em mudanças qualitativas no processo de ensino-aprendizagem. É fato a perseguição da ideia de novidade.

A perspectiva de ajustamento às ditas “novas necessidades” da sociedade, são claras no campo da comunicação, da tecnologia, da integração ao mundo do trabalho e do meio ambiente.

Em conformidade com a revisão teórica do conceito de inovação na Educação, verifica-se o esboço do Programa em afinidade com as afirmativas dos autores acerca das dimensões do conceito. Assim, na dimensão filosófica, as colocações do Programa concordam com o exposto por Garcia (1980), ao afirmar que, nas inovações pedagógicas contemporâneas, há o predomínio das concepções humanistas de Educação e há oposição veemente aos métodos ditos tradicionais de ensino. A centralidade do processo de ensino e aprendizagem está no educando, e, inovar significa, notadamente, modificar os métodos e as formas de ensinar.

Ferretti (1980) auxilia na compreensão da dimensão pedagógica e metodológica do Programa, pois é fato o entendimento de inovação como a adoção de técnicas, materiais e novas formas de organização da escola referentes às novidades quanto a instrumentos e procedimentos. Também Huberman (1973) confirma o exposto e auxilia na percepção de que o Programa visa colocar transformações conceituais acerca do indivíduo, do grupo e, sobretudo, das relações sociais desenvolvidas na escola.

No texto encontrado na página virtual do Programa, os sentidos estabelecidos para determinar a inovação e a criatividade na Educação Básica possuem as seguintes premissas:

- A. Os sujeitos da criação são os educadores e suas organizações; o MEC atuará para estimular e fortalecer estes sujeitos.
- B. A educação não se restringe à escola e a inovação não é necessária apenas na escola pública, por isso esta iniciativa valorizará as organizações escolares públicas e privadas e as organizações voltadas para a educação não-formal.
- C. A elaboração desta política será feita com base em constante debate democrático envolvendo todos os grupos sociais afetados por ela.
- D. O desenvolvimento desta política se baseará em estratégias de avaliação e monitoramento, cujos resultados serão debatidos em todos os níveis – das organizações educativas às instâncias governamentais, garantindo-se a transparência de todo o processo (BRASIL, 2015b).

Diante do revelado, no âmbito do Programa de Estímulo à Criatividade e Inovação na Educação Básica, é oportuno reiterar que foram selecionadas 178 instituições, das 683 inscritas, segundo os sentidos e premissas acolhidas para sentenciar os conceitos de inovação e criatividade segundo o MEC. O processo de seleção de tais instituições foi estabelecido por meio de uma chamada pública, por critérios do que seria considerado inovador nas cinco dimensões já expostas: gestão, currículo, ambiente, métodos e articulação com outros agentes.

Os procedimentos utilizados pela comissão para a seleção das instituições que iriam compor o chamado Mapa da Inovação foram acompanhados das seguintes etapas:

1. Triagem inicial com a leitura das inscrições e avaliação segundo critérios estabelecidos para a Inovação;
2. Solicitação de imagens e síntese dos resultados alcançados;
3. Entrevista por telefone com os responsáveis pelas instituições;
4. Verificação dos resultados dos indicadores nacionais de qualidade IDEB, ENEM, ANA<sup>2</sup>;
5. Classificação das instituições como organizações inovadoras e organizações como plano de ação para inovação (BRASIL, 2015b).

Em Santa Catarina, cinco instituições foram selecionadas pelo Programa, sendo: uma escola na cidade de Blumenau (Escola Básica Municipal Visconde de Taunay); uma associação comunitária em Garopaba (Associação Comunitária Amigos do Meio Ambiente para Ecologia, Desenvolvimento e Turismo Sustentáveis); uma escola na cidade de Joinville (Escola Municipal Professor Aluizius Sehnem); uma instituição pública municipal em Pinhalzinho (Trilha do Saber); e um Centro de Educação de Jovens e Adultos de São João do Sul (CEJA Vereadora Rita Quadros).

A partir da análise do referido Mapa, da seleção de amostra pelo critério de acessibilidade e das possibilidades efetivas de pesquisa em instituições de ensino regular, foi possível chegar a três instituições que foram território de pesquisa, apresentadas no quadro a seguir:

Quadro 1 – Instituições Pesquisadas

Escola	Centro de Educação de Jovens e Adultos Vereadora Rita De Quadros (CEJA)	Escola Básica Municipal Visconde de Taunay	Escola Municipal Professor Aluizius Sehnem
Município	São João do Sul	Blumenau	Joinville
Endereço	Avenida Nereu Ramos, 70	Rua Franz Volles, 1930	Rua Prefeito Baltazar Buschle, 3.645
Dados gerais	Escola de EJA. 120 alunos	Escola municipal de educação pré-escolar e ensino fundamental, conta com aproximadamente 855 alunos do pré-escolar ao 9º ano do fundamental.	Escola municipal de ensino fundamental. 360 alunos
Comentário	Apresenta características incomuns, tanto no currículo quanto no ambiente. Os alunos participam ativamente da gestão da escola, na resolução de conflitos e nas decisões administrativas. Aprendem a usar o computador. O conteúdo disciplinar é escolhido com base nas necessidades dos estudantes. Não há turmas fixas nem seriadas. As turmas são	Desde 2011, a escola desenvolve projetos de sustentabilidade, como o isolamento térmico de uma sala de aula com caixas de leite, o jardim biodiverso; a construção da Casamática – casinha feita com garrafas pet que é um espaço de leitura; a Horta Mandala; o Parque de Pneus; a revitalização do pátio de britas com plantio de árvores frutíferas; a composteira; as espirais de ervas, entre outros. A proposta	As atividades escolares extrapolam os conteúdos habituais. Apresenta uma rede de parcerias consistente. A parceria com o Instituto Menino Caranguejo e a localização da escola favorecem atividades relacionadas ao meio ambiente. Há várias

<sup>2</sup> IDEB: Índice de Desenvolvimento da Educação Básica; ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio; ANA: Avaliação Nacional da Alfabetização.

	compostas por pessoas de características etárias, religiosas, partidárias e sociais diversificadas.	lhe valeu, em 2011, uma certificação de escola criativa pela RIEC-Rede Internacional de Escolas Criativas, ligada à Universidade de Barcelona, na Espanha. O trabalho é voltado à ecoformação e à transdisciplinaridade, que acontece em toda a escola por meio de projetos sugeridos por professores e estudantes.	ações fora dos muros escolares. A escola foi reformada com auxílio da comunidade, que contribuiu com a mão de obra.
Site	<a href="http://www.cejaritaquadros.sc.gov.br">www.cejaritaquadros.sc.gov.br</a> <a href="https://www.facebook.com/cejasjs">www.facebook.com/cejasjs</a>	<a href="http://www.vtsustentavel.blogspot.com.br">www.vtsustentavel.blogspot.com.br</a>	<a href="http://bit.ly/2kAc7Ii">http://bit.ly/2kAc7Ii</a>
Vídeo	-	<a href="http://bit.ly/2m4nzfU">http://bit.ly/2m4nzfU</a>	<a href="http://bit.ly/2knYnAC">http://bit.ly/2knYnAC</a>

Fonte: Brasil (2015b).

## 4.2 SEGUNDA ETAPA: RECURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Acredita-se que a visita nessas instituições permitiu uma melhor compreensão do que é o Projeto e, principalmente, de como a escola e os atores da escola entendem a inovação na Educação Básica. É na visita que as perguntas norteadoras desta pesquisa foram esclarecidas com mais propriedade. Portanto os recursos utilizados foram de análise do projeto escolar inscrito no Programa, documentos oficiais em relação à inovação e entrevista com membros da escola que inscreveram a instituição no processo seletivo (ANEXO D).

A técnica da entrevista semiestruturada se caracteriza pela existência de um entrevistador, que fará perguntas ao entrevistado, anotando e gravando as suas respostas. A entrevista pode ser feita individualmente, em grupo, por telefone ou pessoalmente (MATTAR, 1996). A partir das entrevistas, espera-se compreender a inovação na perspectiva dos membros da escola.

Portanto o instrumento de pesquisa foi orientado por três categorias de análise. Primeiramente, a análise do projeto escolar inscrito no Programa que tem como objetivo compreender a natureza pedagógica inovadora do projeto premiado pelo PECEB/MEC, verificando em qual dos sentidos elencados no edital ele se vincula. Os elementos de análise foram os conteúdos e disciplinas envolvidos, período de realização, sujeitos participantes, materiais e recursos, metodologias, avaliação e outros. Em seguida, a análise do PPP escolar, que tem como objetivo investigar como a comunidade escolar compreende, produz, insere e investe na inovação na Educação. Os elementos de análise foram os conceitos e a compreensão da inovação na Educação pelo documento. Por último, a análise das entrevistas com os membros da escola que a inscreveram no processo seletivo, que objetiva compreender a inovação na perspectiva dos seus membros a partir do PECEB. Os elementos de análise foram as respostas obtidas a partir do roteiro de entrevista (ANEXO C).

Os elementos de análise foram constituídos em decorrência do percurso que se deu ao longo do processo seletivo do Programa, aos sentidos apresentados pelo PECEB para dimensionar a criatividade e a inovação na Educação Básica e as entrevistas que expõem a compreensão da temática por meio das instituições.

## 5 ESCOLAS INOVADORAS DO PECEB EM SANTA CATARINA

Para compreender melhor as escolas inovadoras de Santa Catarina premiadas pelo PECEB, fez-se necessário conhecê-las, investigá-las, contextualizá-las, a fim de, a partir da visita, das análises do projeto inscrito, dos documentos disponibilizados e das entrevistas, atingir os objetivos da pesquisa, analisando-as com base no referencial teórico abordado. Portanto, em seguida, os projetos inovadores de São João do Sul, Joinville e Blumenau estão descritos.

### 5.1 PROJETO INOVADOR: CEJA VEREADORA RITA DE QUADROS – SÃO JOÃO DO SUL

Este subcapítulo refere-se à pesquisa de campo realizada no CEJA Vereadora Rita de Quadros. A partir de um prévio contato telefônico e uma breve apresentação do que se tratava a pesquisa, foi marcada uma visita ao projeto criativo e inovador de São João do Sul/SC. Foram realizadas, em outubro de 2018, a visita e a entrevista com a equipe técnica pedagógica.

Para surpresa inicial, o CEJA Vereadora Rita de Quadros não existe mais. A escola passou por um processo de municipalização e acabou sendo deslocada para outra instituição de ensino, que atendia apenas ao Ensino Fundamental e, a partir de 2016, começou a atender os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A Escola de Educação Básica Prefeito Quintiliano João Pacheco, na região central do município de São João do Sul, atende, no período matutino e vespertino, a crianças da Educação Básica dos anos iniciais do Ensino Fundamental e, nos períodos vespertino e noturno, a alunos jovens, adultos e um grupo especial para concluir o Ensino Fundamental, Ensino Médio e alfabetização.

Como houve a reorganização da escola em outra instituição, apenas um profissional que atuava na escola CEJA continuou seu trabalho na escola atual Prefeito Quintiliano. Foi-nos informado que a direção escolar de 2015 está atuando em outra cidade e os professores eram, em sua maioria, admitidos em caráter temporário (ACTs). Portanto a visita e a entrevista se deram com o Assistente Técnico-Administrativo que, coincidentemente, foi quem inscreveu a escola no Programa de Estímulo à Criatividade e Inovação na Educação Básica, facilitando, assim, o diálogo sobre o processo desse Programa.

Para compreender o projeto inovador escolar da instituição em apreço, foi necessário, inicialmente, investigar como a escola, em 2015, soube do edital do Programa. Tal questão é importante, visto que pode ser considerado um ponto de análise da inovação na Educação: a inovação vem de fora para dentro? O projeto inovador da escola foi criado para participar desse processo? A inovação prospectada foi para utilização de marketing do Governo? Quando questionado, a resposta obtida foi de que a escola e o profissional tinham cadastro no site do MEC. Foi a partir de um e-mail do MEC que ficaram sabendo do edital e se inscreveram no processo seletivo.

Em relação ao projeto inovador que fora premiado, se ainda existe na escola, mesmo com as alterações que ocorreram, a resposta nos trouxe considerações importantes: o projeto não foi criado para cumprir o edital e poder concorrer, ele já existia na escola. Como apontado por Garcia (1980), utilizar um olhar de problematização a respeito de como a proposta inovadora foi implementada é de suma importância, pois o conceito de inovação não é neutro e pode ter valores agregados em sua concepção. Como o projeto apresentado pela escola não foi criado apenas para participar do Programa e surgiu da necessidade da própria escola é uma inovação que podemos considerar de dentro para fora. De acordo com Cardoso (1997), trata-se de uma inovação como mudança, pois apresenta caráter intencional, planejado, e vislumbrou alterar ações educativas na escola.

Surgindo a possibilidade do questionamento sobre o PPP escolar e como a inovação está conceituada nele, o entrevistado respondeu que: “Em nenhum momento, a inovação aparece no documento” e que este está sendo discutido e sofrendo alterações necessárias. Neste quesito, o pilar de análise sobre o documento escolar não se concretiza, por não haver referência à inovação na Educação no documento. Ou seja, onde está o caráter intencional enquanto planejamento escolar? Ou qual o significado e a importância do PPP neste caso? Onde e como foi discutido o conceito de inovação? Ou não foi?

Para o profissional, a inovação premiada colaborou com mudanças na metodologia de ensino e também na gestão escolar. Tal característica se encaixa na proposta do Programa (BRASIL, 2015c), que define a metodologia e a gestão como um dos sentidos da inovação, apresentado anteriormente. Garcia (1980) também aponta a necessidade da inovação ir para além das metodologias de ensino, atingindo não apenas a sala de aula, mas a escola e o sistema educacional. Em relação à gestão escolar, os alunos participam de conselhos e nas decisões administrativas. No que tange à metodologia de ensino, havia a disciplina de “informática” na matriz curricular, oportunizando o letramento digital, e os alunos tinham a

possibilidade de escolher as disciplinas que iriam cursar, o que facilitaria a presença e a efetivação da educação de jovens e adultos. Algo que também precisa ser levado em consideração, para o profissional entrevistado, é a diversidade nas turmas, já que os alunos apresentam características muito distintas (idade, religião, profissões, vínculos sociais). A participação na gestão, a metodologia que possibilita a escolha e uma vivência nessa diversidade são fatores que contribuem para que o projeto seja contínuo e realizado atualmente na escola.

O processo seletivo foi algo muito simples e rápido. Após receber o e-mail e inscrever a escola, houve um contato telefônico do Ministério da Educação, como forma de entrevista para confirmação dos dados. Em seguida, outro e-mail foi enviado informando que a instituição havia sido selecionada no PECEB e que receberia uma placa para ser fixada na escola, objetivando mostrar à comunidade seu reconhecimento pelo MEC como inovadora e criativa.

Como apresentado no edital, a ideia era de que os “Grupos de Trabalho” fossem orientar e acompanhar as escolas e otimizar as práticas para uma formação em rede, ratificando novos documentos sobre práticas inovadoras, fortalecendo e ampliando as propostas, contribuindo para o avanço na Educação. Essa atribuição foi publicada no site, por meio da Portaria nº 004, de 13 de agosto de 2015. Mas, segundo o entrevistado, “Não houve, em momento algum, uma visita desses Grupos de Trabalho, nenhuma socialização com outras instituições, nenhum retorno financeiro e nem sequer a placa de escola inovadora e criativa chegou à escola”. Aqui, é possível considerar outro ponto de análise da inovação apresentada pelo Programa. Por que não cumprir com o objetivo exposto? Seria esse mais um Programa que inicia e não termina? Essa inovação está preocupada com a formação constante, permanente, crítica e humana? No Artigo 6º e 7º da Portaria que instituiu os Grupos de Trabalho em Santa Catarina, é disposto que a participação dos membros no GT será considerada prestação de serviço público, não remunerada, exercida sem prejuízo das atividades normais e as despesas com passagens e diárias serão custeadas pelo MEC. Por que não houve essas prestações de serviço?

No que se refere à avaliação permanente do projeto pelos Grupos de Trabalho, o retorno foi de que não houve uma avaliação oficial do projeto e é possível acrescentar que não ocorreu nenhuma atribuição<sup>3</sup> dada ao “Grupo de Trabalho”, pelo retorno que o entrevistado

---

<sup>3</sup> Art. 2º da Portaria nº 004, de 13 de agosto de 2015.

deu, sobrepondo que a escola realizou a avaliação, constantemente, durante todo o processo da educação de jovens e adultos e, atualmente, está sendo desenvolvida a avaliação institucional. A avaliação, portanto, parte da própria equipe técnica e não dos Grupos de Trabalho selecionados pelo Programa. A ideia da equipe agora é de acrescentar o Ensino Fundamental nessa perspectiva considerada pela escola como inovadora e criativa, apresentando os projetos extracurriculares no contraturno, que é ofertado na escola. Essa ação demonstra uma nova iniciativa da escola, de valorizar e otimizar o que acontece dentro do ambiente escolar. Inovar, na perspectiva curricular, está sendo o passo dado atualmente pela escola. Após essa resposta, surge um novo questionamento, pois como acrescentar algo se o Programa não existe mais na escola? Aliás, em algum momento existiu?

Durante esse ano (2018), uma nova equipe formada por organizações não governamentais fez contato com essas mesmas escolas selecionadas pelo MEC para avançar nas propostas de inovação na Educação. Trata-se do chamado *movimento integrador de redes*, escolas, profissionais, ativistas e iniciativas sociais pela transformação da Educação em seus diversos campos<sup>4</sup>, realizado pelas instituições Cidade Escola Aprendiz, Ashoka e Fundação Telefônica Vivo, tem o objetivo de apoiar as organizações voltadas para a Educação Básica brasileira que inovam em seus projetos, a partir da

- ampliação e da qualificação da oferta e da demanda social por educação inovadora e criativa no Brasil;
- produção de conhecimento sobre inovação no contexto da educação básica;
- fortalecimento da agenda da inovação na educação básica (MOVIMENTO INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO, 2018).

Vista essa nova iniciativa, a escola Prefeito Quintiliano se interessou novamente em participar desse movimento incluindo suas práticas inovadoras. O entrevistado, na oportunidade, informou que havia recebido um e-mail com convite para reuniões e participação da ação desse movimento. No site, encontra-se essa iniciativa atualizada, que tem por base o Programa do Governo Federal, porém, levado adiante como iniciativa privada. Essa valorização de práticas inovadoras, por organizações privadas, tem quais visões de escola, aluno e professor? O que essas organizações podem oferecer e o que querem em troca?

---

<sup>4</sup> Link da nova plataforma do movimento integrador de inovação na Educação: <http://movinovacaonaeducacao.org.br>.

Para o profissional que respondeu à entrevista, a contribuição dessa prática apresentada como inovadora, iniciativa da própria escola, foi o retorno positivo da regularidade na presença das aulas, já que os alunos têm a liberdade de escolha da disciplina que irão cursar, do horário em que estarão presentes, o que é levado em consideração. Existem aulas semipresenciais e até o calendário de horário de verão interfere na condução das aulas, que segundo o entrevistado “os alunos que trabalham são diretamente atingidos por e essa mudança de horário”.

Houve também elogios aos professores e à gestão municipal que disponibiliza formação continuada de qualidade para atender às necessidades da região.

O público de alunos dessa escola é bastante variado, assim como seus objetivos, observado pela equipe técnica. Os alunos mais idosos priorizam a socialização, objetivando a alfabetização. Há alunos que comparecem devido a ordens judiciais, outros por benefícios do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), e há os que querem avançar no mercado de trabalho e compreendem a necessidade da formação básica para isso, assim como exposto no referencial teórico, há preocupação com o mercado de trabalho, que exige uma demanda de mão de obra qualificada. Wanderley (1980) aponta que o processo educativo usado como meio pelos setores dominantes para sua dominação política e controle social, acabaram desenvolvendo características que ainda hoje podem ser fundamentais na Educação, exemplo claro no objetivo de alguns alunos dessa instituição que estão preocupados em avançar no mercado de trabalho.

Ao ser questionado sobre o conceito de inovação na Educação, a resposta do assistente técnico administrativo foi: “Inovação tem fins para buscar resultados no pedagógico, não adianta querer mudar e não ter objetivo educacional”. É essa mudança que Messina (2001) aponta como existente no campo do conhecimento, inicialmente sendo uma preocupação da Filosofia e depois das Ciências Naturais e Sociais. Também para Cardoso (1997), a inovação é fruto de uma melhora pedagógica, que é o ponto de vista do entrevistado.

Por ser um contexto educativo voltado para a educação de jovens e adultos, o entrevistado acrescenta o objetivo social, ou seja, a preocupação com o desenvolvimento da cidadania como elemento a ser considerado na inovação. Esse aspecto, apontado anteriormente, se relaciona com a necessidade desse público em ter o contato social efetivado. Resgata-se a contribuição de Libâneo (2007) que apresenta, em uma das cinco diretrizes da função social da escola, a de ajudar alunos a se desenvolverem como sujeitos na

individualidade e na sua identidade cultural, formando para a cidadania, para valores éticos humanistas e humanitários.

No relato também foi evidenciado o viés da inovação pela tecnologia articulada com as metodologias de ensino. Retoma-se aqui a quantidade de produções encontradas no que diz respeito à inovação na Educação pelo uso das tecnologias como estratégia na relação ensino-aprendizagem. Ferretti (1980) apresenta a inovação também como utilização das tecnologias na Educação e faz uma consideração positiva de que essa modificação tem o objetivo de tornar mais significativa a aprendizagem de conteúdo e o desenvolvimento de habilidades para o mundo atual. O levantamento do estado da arte nos trouxe esse dado, que é muito discutido, principalmente, no Ensino Superior.

O público dessa escola é bem receptivo quanto à mudança, percepção essa do Assistente, o qual relata que “Os colegas de trabalho gostam muito da inovação, da mudança, que todos têm potencial para abraçar novos projetos”. Nesse sentido, Hernandez F e Sancho J. (2000) colabora afirmando que um sistema educacional inovador é aquele no qual existem canais de comunicação entre o planejador e os que realizarão a inovação. Todos os grupos relacionados com a inovação estão vinculados e o sentido da inovação, da mudança, é claro para todos. Nessa fala do entrevistado, fica evidente a preocupação com o futuro dos alunos para uma vida social que possibilite o acompanhamento e o acesso aos avanços científicos e tecnológicos, utilizando os recursos como forma de emancipação, indo além da preparação somente para o mercado de trabalho.

## 5.2 PROJETO INOVADOR: ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR ALUIZIUS SEHNEM – JOINVILLE

Esse subcapítulo refere-se à pesquisa de campo realizada na Escola Municipal Professor Aluizius Sehnem, que atualmente tem em torno de 360 alunos, matriculados no Ensino Fundamental – anos iniciais, do 1º ao 5º ano. A partir de um prévio contato telefônico e uma breve apresentação do que se tratava a pesquisa, foi marcada uma visita ao projeto criativo e inovador de Joinville/SC. A visita e a entrevista com a equipe técnica pedagógica foram realizadas em maio de 2019.

A escola fica na periferia de município de Joinville/SC, no bairro Espinheiros, uma ilha da cidade. Sua comunidade é cercada pela Baía da Babitonga, pela Lagoa do Saguçu, e é na gastronomia que a região investe para ser um polo turístico, oferecendo diversas opções de restaurantes de frutos do mar, o que movimentava a economia e os municípios da região.

A entrevista realizada foi com o atual coordenador de projetos da Secretaria da Educação do município que, em 2015, era supervisor da instituição pesquisada. O entrevistado se dispôs a conceder as respostas a convite do atual Diretor, a fim de expor o trabalho desenvolvido na escola.

Começamos conversando sobre projetos escolares e a inovação premiada. O entrevistado apresentou-se com bastante experiência em projetos escolares e viu nessa escola a oportunidade de inovar. Segundo ele, a escola era bastante tecnicista, com um aprendizado bem técnico e, a partir de 2013, ano em que ele começou a trabalhar na escola, quis mudar a relação ensino-aprendizagem e a metodologia que era utilizada na escola desde então. Resgata-se o que a concepção “humanista” moderna de Saviani (1980) apresenta como inovação, que seria opor-se veementemente aos métodos de ensino tradicional, centralizando as propostas na vida do educando. Veremos que a inovação dessa instituição desempenha, a partir do cotidiano do aluno, possibilidades de ensino-aprendizagem.

Supervisor entre 2013 a 2017, argumentou que olhou para além dos muros da escola e viu na região uma possibilidade de abordar competências e novas metodologias de ensino. Segundo ele, “Por que não aproveitar a fauna, a flora, o mangue, que faz parte do dia a dia dos estudantes daquela escola?”. Ele relata que havia projetos esporádicos na escola que abordavam esses temas, mas que trazer para dentro da instituição essa realidade mudaria positivamente o ensino.

Próximo à escola foi inaugurado um parque chamado “Porta do Mar”, a partir do que o entrevistado viu a possibilidade de conquistar os professores para saírem da sala de aula e explorarem o que a localidade poderia oferecer. Assumir os elementos culturais como conteúdo curricular, como projeto de estudos e vivências, é assumir “oficialmente” o que de muitas maneiras é inviabilizado, discriminado e desvalorizado historicamente. Criou-se o projeto “Porta do Leitor”, no qual professores e alunos faziam as aulas de leitura nesse parque, aproximando ainda mais os professores da comunidade. Segundo ele, essa saída propiciou novos conhecimentos a respeito da comunidade, criando o projeto e a proposta de dialogar com a comunidade para dar novos impactos ao planejamento escolar. Com isso, pesquisas e produções a respeito dos pássaros, caranguejos, peixes, nome do bairro, tornaram-se mais comuns nessa instituição, fortalecendo vínculos com a comunidade e aumentando a frequência dos alunos, que se viam presentes nos conteúdos abordados. Nesse sentido, percebe-se uma busca pela formação humana, pela valorização da comunidade e do ambiente em que os alunos estão inseridos. Para Libâneo (2007), uma das cinco diretrizes da função da escola é a de ajudar os alunos a se constituírem como sujeitos na individualidade e na sua identidade cultural, o que é visível nessa introdução do entrevistado em relação ao projeto.

Houve resistência de alguns professores que, segundo o entrevistado, tiveram de sair da zona de conforto. “Como o ensino era mais técnico e alguns professores mais velhos, foi difícil conquistar esse público para as inovações emergentes”, de acordo com o entrevistado. Com o objetivo de cativar ainda mais os professores para que todo o percurso avançasse em direção à inovação, o entrevistado foi atrás de pessoas importantes da comunidade para propiciar cursos e para explorar ainda mais a região. Durante a entrevista, ele resgatou uma saída de barco pela baía da Babitonga, exclusiva aos professores, pois “A mesma atenção que os alunos merecem, os professores também precisam desse olhar cuidadoso, para dar sentido ao que estava sendo proposto”.

Diante desse novo cenário escolar, novas ações foram sendo realizadas: batizar cada sala de aula com o nome de um animal ou planta da região, com o intuito de trazer para dentro da escola aquilo com que a comunidade mais tem contato foi uma dessas ações. Segundo o coordenador, “Uma apropriação dessas ideias a partir dos conteúdos, como, por exemplo, o 4º ano trabalha com o sambaqui, os alunos têm contato com essa árvore aqui do lado da escola e, portanto, foi dado o nome de 4º ano Sambaqui. O 5º ano chama-se Babitonga, por avançar ainda mais no conteúdo. A escola foi tematizada ludicamente para concretizar a ideia”. Fazer sentido para o aluno foi o foco, segundo o entrevistado. Uma inovação, do ponto de vista da

organização curricular, é o que nessa instituição de ensino se efetiva a partir da educação ambiental, na qual a comunidade escolar está inserida, integrando conteúdos às realidades dos alunos. Alguns conteúdos, ao invés de serem determinados pelo campo do conhecimento, são abordados devido aos fenômenos sociais e/ou pelo interesse do aluno (FERRETTI, 1980).

A escola se encaixa nos critérios apresentados pelo PECEB (BRASIL, 2015c) como inovadora e criativa, por abordar nesse aspecto o sentido de inovação curricular, já que utiliza estratégias do desenvolvimento integral para a produção do conhecimento e para a sustentabilidade. Ações voltadas para tornar a instituição educativa um espaço de produção de conhecimento e cultura, a partir das identidades do território que vincula os interesses dos alunos e os conhecimentos comunitários aos saberes acadêmicos e, a partir dessa conexão, transforma o contexto socioambiental.

Com a comunidade envolvida, foi possível realizar ações em prol da instituição. Conseguiram trazer um barco para dentro da escola, que depois de revitalizações, tornou-se um espaço de convivência muito disputado entre os alunos. Essas ações levaram a escola a buscar parcerias que ajudassem no desenvolvimento dos projetos. O Instituto Carlos Hansen, a Univille, o Instituto Menino Caranguejo e o Instituto COMAR (Conservação Marinha do Brasil) foram alguns parceiros que apoiaram as novas perspectivas da escola. A estrutura da escola também foi revitalizada e reformada com a participação e auxílio da comunidade.

A busca por parcerias é positiva e valoriza a Educação que é indissociável da sociedade. Outro sentido que o MEC aponta para uma escola ser criativa e inovadora é a intersectorialidade, uma rede de apoio para garantir e potencializar os direitos dos estudantes.

Outra ação significativa para a comunidade escolar foi a mudança do nome do patrono da Biblioteca escolar. Chicoram (nome artístico), escritor e professor mestre na Univille, fundador do Instituto Menino Caranguejo, abraçou o projeto de educação ambiental da escola e foi homenageado como novo patrono da Biblioteca. Desde então, Chicoram desenvolve projetos de educação ambiental com os alunos da escola, abordando, em suas coletâneas de histórias em quadrinhos, realidades, histórias e produções dos alunos da instituição.

A escola ganhou muitos prêmios com essa proposta, já que a supervisão escolar sempre se inscreve e participa de diversos concursos e processos. Não foi diferente em 2015, quando o entrevistado viu no site do MEC a iniciativa do PECEB. Não houve e-mail sendo convidado, ele quem foi atrás e inscreveu a escola por “ser antenado nessas questões de premiação”. Segundo ele, houve uma transformação na escola a partir dessas práticas, dando outro exemplo de que os alunos se alfabetizam com a palavra “caranguejo”, “guara”, sendo

realidade com a qual a criança vive. Nesse momento, o Coordenador se declarou adepto e seguidor de Paulo Freire para justificar o processo de alfabetização. Segundo ele, utilizando uma abordagem freiriana, a leitura do mundo precede a leitura da palavra, sendo visivelmente o avanço na alfabetização, no cuidado com o ambiente, com a escola, com os animais, com o mangue.

O projeto premiado continua em ação na escola e foi expandido. O entrevistado comenta que a Direção mudou nesses anos, mas que o novo Diretor tem a mesma visão inovadora, conhece o projeto e mantém ele presente na escola. Pelo trabalho desenvolvido, acabou sendo convidado, em outubro de 2017, pela Secretaria de Educação, para desenvolver projetos como esse em outras instituições de ensino do município, abordando, em outras escolas, a visão para além dos muros, dando sentido e significado ao que é trabalhado nas instituições.

Percebe-se uma valorização dessa prática por parte da Secretaria de Educação do município. Mas, no decorrer da entrevista, quando o entrevistado comentava que iria trabalhar com o projeto em outras escolas, remeteu-se um novo questionamento: O projeto será o mesmo? Serão os mesmos parceiros? Pois a inovação não deve considerar os diferentes contextos educacionais? Quando questionado sobre os projetos que serão desenvolvidos nas outras escolas, o entrevistado respondeu que não será o mesmo projeto. É muito provável que a educação ambiental seja o foco, já que é uma solicitação da rede, mas ele complementa que “Inovar é algo que surge no dia a dia da escola, a partir de uma ideia de um aluno, surge um projeto, do projeto uma pesquisa, da pesquisa uma nova metodologia, da metodologia, uma nova estrutura”. Com essa fala, o entrevistado exemplifica a diferença, apresentada por Cardoso (1997), entre inovação e renovação, entendendo que a inovação não é algo que vem de fora para dentro.

Quando questionado sobre avaliação do projeto pelo PECEB, o Coordenador disse que a escola recebe muitas visitas de pesquisadores, mas que nenhuma dessas visitas foi do MEC em virtude da premiação. Citou apenas que houve um contato do movimento integrador de redes, escolas, profissionais, ativistas e iniciativas sociais pela transformação da Educação em seus diversos campos, realizado pelas instituições Cidade Escola Aprendiz, Ashoka e Fundação Telefônica Vivo (contato também realizado com o projeto inovador anteriormente apresentado), do qual a escola não se interessou em participar por “Não ver muita credibilidade, já que não era algo do Governo”. Percebe-se uma ânsia pelo reconhecimento do Governo (federal, estadual e municipal) da instituição. O que, de fato, demonstra uma

preocupação com a formação integral dos estudantes? Seria pelo mérito que as premiações trazem consigo? Quando questionado a respeito de recurso financeiro, o entrevistado disse que não teve recurso financeiro nenhum do MEC, apenas o reconhecimento e um diploma simples do PECEB.

O Diretor, nas poucas intervenções que fez, disse que o projeto inovador continua na escola com essa visão de educação ambiental, que já é algo da rede. Lembrou que o município tem um dos melhores resultados no IDEB e “Para melhorar ainda mais, o foco desse governo também é a educação tecnológica, outro aspecto de inovação na Educação”. Segundo ele, acredita-se que a sala de informática se tornará uma sala *maker* de iniciação à robótica. Apresentou também o PAP (Pessoas Aprendem Participando), que segundo o diretor é uma “iniciativa apresentada pela Universidade do Rio Grande do Sul para o município, na qual os alunos põem a mão na massa para buscar informações, resultados e conhecimentos”.

O projeto premiado não teve, em nenhum momento, a abordagem de inovação para a educação tecnológica, apenas nessa fala do atual Diretor que deseja melhorar o IDEB da instituição e apresenta a tecnologia como fonte de avaliação.

Já se tratando do PPP escolar, a resposta foi de que o documento está sendo reformulado. O documento apenas cita a educação ambiental e educação integral como propostas inovadoras a serem abordadas. Mas e o conceito de inovação no documento que norteia a escola? Essa busca pelo “novo”, sem a definição do termo, pode acarretar na manutenção de práticas pedagógicas com os mesmos objetivos anteriormente praticados.

### 5.3 PROJETO INOVADOR: ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL VISCONDE DE TAUNAY – BLUMENAU

Esse subcapítulo refere-se à pesquisa de campo realizada na Escola Básica Municipal Visconde de Taunay, que, atualmente, tem em torno de 880 alunos, matriculados na Educação Infantil e Ensino Fundamental, do 1º ao 9º ano. A partir de um prévio contato telefônico e uma breve apresentação do que se tratava a pesquisa, foi marcada uma visita ao projeto criativo e inovador de Blumenau/SC. A visita e a entrevista com a equipe técnica pedagógica foram realizadas em maio de 2019.

A escola fica na periferia de município de Blumenau/SC, no bairro Itoupava Central, e tem como projeto inovador a ecoformação, objetivando adotar práticas pedagógicas inovadoras, adaptando seus espaços-tempo para criar consciência na comunidade escolar da importância da sustentabilidade.

O autor foi recebido pela professora, que atua como professora articuladora de projetos. Foi ela quem inscreveu a escola no PECEB e que está à frente de todos os projetos escolares.

A entrevistada começa apresentando que a Diretora, em 2011, participou de uma formação representando Blumenau no IPEC – Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado, em Pirinópolis/GO. Segundo ela, encantada com o projeto, a Diretora lançou a ideia aos professores da escola, que, curiosos, também foram conhecer o Instituto em Goiás e, desde então, a escola atua com projetos voltados para a sustentabilidade e a ecoformação. O que esse grupo de professores e Direção gostariam com esse novo projeto era que “O aluno estivesse bem com ele mesmo, com o outro e com o meio”. Segundo a professora, não faziam ideia de que isso era ecoformação. A princípio, a ideia era a transformação dos espaços escolares.

Em uma reunião elaborada pelos professores e Direção escolar (2011), foi apresentada a ideia para o Prefeito, algumas secretárias, vereadores, empresários e comunidade escolar. Todos gostaram muito da ideia e aprovaram a iniciativa da escola. Em seguida, foram criados dois comitês: o técnico, integrado por arquitetos, artistas plásticos, biólogos, educador ambiental; e o comitê executivo, formado por professores, pais e alunos. Esses comitês podem ser exemplos da intersetorialidade desenvolvida na escola. Dessas reuniões, percebeu-se a necessidade de uma professora exclusiva para os projetos, visto o tamanho que ele estava

tomando. A professora assumiu o cargo e até hoje atua como professora articuladora de projetos.

O projeto continuou e se tornou campo de investigação de faculdades e universidade do município, fortalecendo o vínculo do comitê técnico para dar apoio e fundamentação no que estava sendo desenvolvido pela escola. Segundo a professora, todo projeto saiu de uma ideia da sala de aula e se concretizou com as famílias fazendo mutirão e colocando a mão na massa. “As famílias têm plena participação em tudo que foi inovado na escola”. O envolvimento da comunidade também é ponto relevante para o PECEB considerar a escola como inovadora e criativa. Segundo o programa (BRASIL, 2015a), a responsabilidade pela Educação não é apenas da escola.

Numa dessas participações da universidade, uma pesquisa de conclusão de curso investigou se a escola realmente era criativa, apresentando o trabalho para um mentor da Universidade de Barcelona, na Espanha, que conferiu o título de *Criativa* à instituição, pela Rede Internacional de Escolas Criativas (RIEC).

Segundo a entrevistada vários foram os projetos elaborados na escola: sala de aula com isolamento térmico feito a partir de caixinhas de leite, jardim biodiverso, casinha de garrafas pet que atualmente está em reforma para se tornar um novo ambiente de ensaio para a banda escolar, plantio de árvores, composteiras, bioconstrução, cortinas de caixinha de leite, horta mandala, entre outros. Diversas foram as entrevistas para jornais de que a escola participou devido aos projetos e, segundo a professora, não foi mais preciso divulgá-los, porque a imprensa já faz o trabalho necessário em nível nacional e internacional.

Quando recebeu o título de inovadora e criativa pelo MEC em 2015, a escola passou a ser vitrine para outras instituições, conforme comenta a professora. Devido à repercussão que os projetos escolares alcançaram e às solicitações dos próprios professores para compreender mais sobre a ecoformação e os projetos inovadores, a professora foi investigar, em sua pesquisa de Mestrado, a formação dos professores para a ecoformação. Para ela, “Como cita Morin, não dá para transformar uma instituição sem transformar as pessoas que nessa instituição estão. Foi algo incrível que aconteceu, a transformação da escola e dos professores que participaram da pesquisa”. Morin foi um dos autores citados na fundamentação teórica, em que se apresentaram conceitos de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, os quais a entrevistada citou durante o processo de investigação e serão abordados adiante.

O grupo que dá continuidade ao trabalho são os professores efetivos, que já estão habituados a trabalhar com projetos inovadores para a ecoformação. Quando questionada

sobre os professores ACTs, a entrevistada disse que são em média 28 professores novos por ano, mas que em todo início de ano é feita uma formação na própria escola para todos aqueles que vão trabalhar lá no ano letivo. Segundo a entrevistada, “Todos os professores trabalham de maneira inovadora e criativa, seja com projetos sustentáveis, ecoformadores ou criativos. Quem vem para a Visconde de Taunay, vem por causa dos projetos, das certificações”.

A entrevistada assinala que, dentro dos critérios que o MEC aponta para que a escola seja considerada inovadora e criativa, eles já avançaram muito na gestão democrática e no espaço físico, deixando ainda a desejar no currículo, pois se sentem muito “amarrados” a uma Secretaria e com os tempos dos anos finais, já que os professores trocam de turma, têm cargas horárias distintas, ficam 45 minutos com um grupo e tem de dar conta dos conteúdos. Para o MEC, a gestão, o espaço físico, o currículo, a metodologia e a intersectorialidade são critérios para dimensionar a criatividade e a inovação nas escolas. No sentido apontado pela entrevistada, a gestão democrática interfere positivamente na estruturação do trabalho em equipe, na organização dos espaços escolares, no tempo e no percurso dos projetos adotados na instituição. Em relação ao espaço físico, a proposta sempre foi de otimizar e possibilitar novas práticas educativas em busca da educação humanizada, num ambiente voltado para a aprendizagem e o bem de todos, característica relevante na inovação para a formação humana.

O critério *currículo* apresentado pelo MEC, como sentido da criatividade e inovação, também traz como critério a sustentabilidade para uma formação social, econômica, ecológica e cultural. A professora articuladora de projetos da instituição não se ateve a esse critério, visto que considerou que a escola deixa a desejar nessa questão.

Uma proposta exposta pela entrevistada para que os projetos ocorram nos anos finais do Ensino Fundamental dessa instituição é a interdisciplinaridade. Segundo ela “Os professores convidando, chamando e vendo como o conteúdo de outra disciplina pode auxiliar em tal proposta”. Para ela, as dificuldades são muito menores nos anos iniciais com as professoras pedagogas regentes das turmas que podem sentar com ela e planejar um projeto entre as disciplinas ministradas. Thiesen (2008), ao criticar o modelo positivista das ciências e o neoliberalismo, cita as ramificações das áreas do conhecimento, que podem ser fragmentadas. Essa dificuldade de trabalhar interdisciplinarmente é apresentada e exemplificada pela entrevistada, principalmente nos anos finais do Ensino Fundamental, em que os professores especialistas dominam seu conteúdo e, segundo ela, apresentam dificuldades de olhar além das fronteiras.

Para a professora articuladora dos projetos, “Com o passar dos anos, a escola foi se modificando, transformando os espaços e buscando maneiras diferentes de trabalhar”. Para ela, o espaço proporciona ações que convidam os alunos a estarem presentes, a fazerem parte daquilo: “Não é apenas um novo ambiente da escola, é um novo ambiente dos alunos, o que faz com que eles cuidem muito mais da escola, da comunidade e assim por diante...”. Sentir-se parte do processo, da escola, faz com que os alunos se engajem nas ações escolares. O resultado positivo é apresentado pela entrevistada como a realização de uma formação humana, por meio das inovações da escola. Assim como discutido com Freire (2000), a luta para a não acomodação da escola é a inovação pedagógica necessária, que os atores escolares estejam presentes e se sintam parte daquilo, pois a formação acadêmica deve ir além do desenvolvimento para o mercado de trabalho.

Quando questionada sobre a avaliação do projeto pelo PECEB, a professora argumenta que houve dois contatos via e-mail, um em 2016 e outro em 2018, para realizar a manutenção do mapeamento, mas que, após as respostas da instituição, o contato não teve continuidade. Houve também uma aproximação do movimento integrador de redes, escolas, profissionais, ativistas e iniciativas sociais pela transformação da Educação em seus diversos campos, realizado pelas instituições Cidade Escola Aprendiz, Ashoka e Fundação Telefônica Vivo, em que a escola se dispôs a fazer uma vídeo conferência, mas que esse movimento não foi adiante, por falta de retorno do próprio movimento integrador.

Em respeito ao PPP escolar, a entrevistada argumenta que o documento está desatualizado, já que o município não tinha uma proposta pedagógica efetiva. “O documento está sendo elaborado e atualizado com propostas, embasado na perspectiva histórica cultural a partir de formações que estão ocorrendo dentro da rede”. Quando houve insistência para saber se o documento, mesmo desatualizado, trazia algo sobre inovação e criatividade, a entrevistada disse que sim, que eram apresentados no PPP a ecoformação e o trabalho a partir de projetos criativos, mas não disponibilizou o documento para consulta. É possível questionar novamente sobre o conceito de inovação no documento que norteia a escola. Uma escola tão premiada como essa, modelo para outras instituições, não apresenta o que entende por inovação e para que se deve inovar?

Para a entrevistada, inovação e criatividade são abordagens de propostas diferentes das que sempre foram realizadas, é valorizar todo tipo de produção que os alunos fazem, não utilizar somente livros ou apresentações em PowerPoint para apresentar um conteúdo, para ela não cabe mais ao professor ficar apenas na frente do quadro transmitindo conhecimento, o

aluno também tem direito de argumentar e apresentar sua bagagem de conhecimento. Para ela, inovar também é a disposição das mesas dos alunos: “Não cabe mais ficar um aluno atrás do outro”. Ações emergentes na escola investigada, que exemplificam o sonho e/ou projeto de transformar práticas pedagógicas ultrapassadas.

Quando questionada sobre o desempenho dos alunos, a entrevistada argumenta que é visível e que os professores falam dos avanços que os alunos obtiveram nas ideias, na criatividade, nas argumentações, na luta e na defesa do ambiente, na perspectiva crítica de futuro. Porém, quando o assunto chegou aos números do IDEB, a professora relaciona o resultado ao crescimento da região, às reprovações dos novos alunos vindos de outros estados e à evasão desses mesmos alunos com a nota abaixo do esperado na avaliação do Governo.

Os recursos financeiros que a escola recebeu foram do PDDE Escola Sustentável, por ter esse trabalho voltado para a sustentabilidade. O recurso veio para captação da água da chuva e para criação de um ambiente de lazer em meio à natureza.

O projeto inovador, segundo a entrevistada, apresenta também o trabalho voltado para a transdisciplinaridade. Para a professora, é possível verificar esse “transcender” a partir dos avanços nas relações dos alunos com os seus pares e com o meio: “A transdisciplinaridade está entre e além das disciplinas. Quando o estudante sai da escola e leva para a comunidade o conhecimento que aprendeu aqui, estamos tendo exemplo do trabalho efetivo. Quando um aluno insiste para fazer uma horta em casa, ou plantar uma árvore na região, quando um aluno se preocupa com animais abandonados próximos da escola... é um conhecimento pra vida”. Morin (2006) aborda esse tema no campo das modificações em relação às metodologias de ensino, como tentativas de superar a fragmentação do conhecimento.

#### 5.4 ESCOLAS INOVADORAS DO PECEB EM SANTA CATARINA: PERSPECTIVA TEÓRICA E O CONCEITO DE INOVAÇÃO

Objetivando analisar as três instituições de ensino, a fim de responder às perspectivas teóricas que sustentam o conceito de inovação delas e para qual formação dos estudantes essa inovação se reflete, esse subcapítulo expõe, contrapõe e questiona pontos-chaves do PECEB a partir do que fora pesquisado, visitado e apresentado nas entrevistas.

Uma das análises realizadas e levada em consideração como positiva é de que nenhum projeto inovador premiado foi criado apenas para o PECEB em 2015. As três instituições já trabalhavam com projetos inovadores, com metodologias diferenciadas, conteúdos e currículo para além do atribuído, gestão democrática e parcerias intersetoriais, independentes do Programa do MEC. Há um caminho sendo seguido pelas instituições que convergem com os objetivos estipulados pelo PECEB em 2015, o que de fato certifica as escolas como inovadoras e criativas. Porém o que se pode questionar é a falta de uma perspectiva teórica das próprias escolas ao se considerar a inovação.

Nenhuma das três escolas apresentou em seu documento um conceito definido sobre inovação na Educação. O Projeto Político Pedagógico de uma instituição é necessário para nortear as ações pedagógicas dos professores e da escola, por isso é de extrema importância, também pelo compromisso firmado das relações e interesses da instituição que o rege. A necessidade de ser discutido e reavaliado durante o percurso não o exime de existir, de ser exposto e, principalmente, de ser atualizado conforme as perspectivas das instituições. Afinal, se as escolas já estão desenvolvendo projetos inovadores, se há mudanças metodológicas, conteúdos, currículos etc., há alguns anos, por que não há uma definição dessa prática? Se as intenções da escola envolvem a inovação na Educação, seja ela preocupada com a sustentabilidade, com elementos culturais, com tecnologia, ou com novas metodologias de ensino e gestão, deve ser clara a intencionalidade que se dá no processo, seja ela de finalidade cultural, política ou social, de formação profissional e/ou humana, ou seja, a concepção de homem, mundo e sociedade que a escola tem e para qual dessas visões de mundo a escola quer formar.

Outra indagação é a respeito da avaliação das instituições após serem concedidos os títulos de inovadoras e criativas. As três escolas apresentaram que o processo foi rápido, apesar da burocracia de documentos a serem preenchidos e vídeos a serem enviados. As três escolas, ainda, apresentam que após o contato telefônico concluindo e premiando a

instituição, nada foi realizado pelos GTs, o que deveria ser feito, visto os documentos oficiais quanto às suas atribuições. Segundo os entrevistados, em nenhum momento foi monitorado o desenvolvimento da iniciativa para a inovação e criatividade, em nenhum momento foram ratificados documentos de referência sobre a inovação e a criatividade na Educação Básica, em nenhum momento os Grupos de Trabalho regionais acompanharam o desenvolvimento das organizações reconhecidas pelo MEC, apoiando-as e/ou envolvendo-se significativamente com as escolas. Diante do exposto, fica a pergunta: quais os fatores dessa descontinuidade e abandono do projeto federal? Qual seria a necessidade desse Grupo e dessas portarias?

Tem-se que a avaliação dos projetos não foi realizada, não sendo possível a criação de uma rede de escolas inovadoras e criativas para mobilizar outras instituições e expandir projetos, ideias ou até mesmo gerar engajamento. Também é necessário considerar que uma avaliação realizada por quem não está diretamente ligado à execução do projeto, como, por exemplo, os grupos de trabalho instituídos pelo PECEB, poderia contribuir positivamente nas análises e colaborar para os avanços dessas práticas.

Cabe referência à preocupação em manter a equipe de profissionais das instituições em constante formação. As três escolas expuseram a formação continuada como ferramenta para o avanço nas modificações das práticas pedagógicas existentes, seja para conhecer mais a realidade da comunidade, compreender conceitos de ecoformação, sustentabilidade, ou até mesmo para saber utilizar novas ferramentas tecnológicas para facilitar o acesso aos conteúdos e avaliações. Os relatos são de que grande parte dos professores estão dispostos a assumir o papel também de aprendiz e de se reinventar, de se formar. Resgata-se, aqui, a análise feita em consideração ao estado da arte sobre inovação na Educação. Os trabalhos mostraram que o debate relacionado à ideia de inovação na Educação com fins metodológicos e o uso de tecnologia como estratégia na relação ensino-aprendizagem trazem como consequência uma preocupação para a formação de professores que estejam hábeis para encarar o trato do conteúdo curricular com um olhar diferente, inovador.

A inovação defendida como um movimento para superar práticas pedagógicas ultrapassadas também é apresentada pelas instituições. A ideia de que as inovações emergentes são necessárias e se contrapõem ao ensino tradicional estavam presentes nos discursos dos entrevistados. Resgata-se também a compreensão apresentada por Saviani (1980) no que diz respeito à inovação na Educação que depende das diferentes concepções da Filosofia da Educação, em que, na concepção filosófica dialética, o homem é compreendido como conjunto das relações sociais e a Educação deve se colocar a serviço da nova formação

social que abrange não somente o que se opõe ao tradicional, mas o que se coloca a serviço das forças emergentes da sociedade. A inovação na Educação voltada para a formação humana se apresenta como contraponto do ensino tradicional, levando em consideração uma abordagem mais dialética, uma visão geral do educando que não é sujeito passivo na relação ensino-aprendizagem e a escola é a organização que pode exercer o papel de superação da submissão social. Será que os movimentos inovadores expostos pelos entrevistados realizados no interior das escolas exercem o papel da superação da submissão social ou acabam sendo ferramentas para manter a atenção e o desejo do “consumidor” e/ou até da perpetuação do sistema de classes?

O Programa do Governo que ocorreu em 2015 e que, pela pesquisa, também se encerrou no mesmo ano, não interferiu nos projetos das escolas que continuam no trabalho pela inovação na Educação até hoje. É possível concluir que nenhuma instituição elaborou um plano a fim de participar exclusivamente do PECEB do MEC e ganhar o título de inovadora e criativa. A busca constante pelas mudanças, pelo conhecimento que a humanidade produz, pensando no público para o qual suas ações serão diretamente exercidas, se mantém. Tais instituições seguem o caminho na busca por desempenhar o papel e a finalidade que a Educação almeja. Na visão dos pesquisados, o que se pode afirmar é que a inovação se realiza na ação coletiva e colaborativa dos envolvidos, com forte interlocução entre a escola e outros espaços sociais, com continuidade e comprometimento dos projetos. Contudo, é necessário problematizar essas iniciativas, a fim de qualificar e tornar compreensível e visível para todos a partir de qual perspectiva teórica e conceitual a inovação se apresenta nos currículos escolares. Essa necessidade garantiria respostas objetivas, como: Inovar para que, para quem e como? De toda forma, nas condições em que cada escola se encontra, desenvolvem-se ações por meio de projetos que alteram os processos de ensino e de aprendizagem, agregando conhecimento aos seus alunos.

O aluno precisa da escola e a escola precisa do aluno. As três instituições apresentam, com muita satisfação, a presença dos alunos na escola, declaram que as inovações ocorridas fizeram com que a frequência e a quantidade de matrículas de alunos aumentassem. Aqui não há crítica, pois esse é o primeiro passo. Nota-se que, mesmo que o educando busque a escola para se formar e conseguir um trabalho, seja qual for o emprego e a hierarquia em que ele esteja no mercado, ou até mesmo porque na escola o aluno em tempo integral tem mais refeições do que se estivesse em casa, ele estará na escola e, nas escolas visitadas, pelos relatos, sentem-se parte do processo. É ali que se tem o *start* para uma formação humana. É

ali que se pode formar um cidadão crítico, com opinião própria, que seus avanços cognitivos, emocionais, físicos e sociais poderão ocorrer, que a diversidade na escola auxiliará no desenvolvimento do cidadão. Então, a presença do aluno na escola é fundamental. Se as estratégias inovadoras aumentam a participação e a presença dos alunos, a escola tão idealizada para a formação humana caminha para cumprir sua função social.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a tantas barreiras que a Educação Básica tem de superar, inovar, sem dúvida, é um grande desafio, assim como é extremamente necessário. Desafio diante das interferências externas, a falta de definição do percurso, aos interesses secundários, a uma sociedade em que a maior parte do conhecimento beira a superficialidade. Necessário exatamente para superar as defasagens de que a escola pública de ensino padece, para otimizar a relação tempo/aprendizagem, para manter a atenção e aprofundar o conhecimento das gerações que têm a informação na palma da mão e para contemplar a formação humana com qualidade.

Há uma linha tênue entre a dualidade *inovação desenvolvimentista para o mercado de trabalho* e *inovação para a formação humana*, afinal, a Educação, segundo a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 2016), visa o pleno desenvolvimento da pessoa, prepara-o para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. Lidar com ferramentas e metodologias emergentes em contraponto às “antigas” e trabalhar para a formação humana são tarefas intensas, já que a maioria das escolas de educação básica têm desafios básicos para se manterem.

A inovação na Educação, ainda que apresente diversos conceitos, tem por base, no Brasil, a ideia do desenvolvimento econômico que, apesar de oportunizar e expandir a educação pública, buscou o progresso pautado em interesses liberais. Com ela, é possível reconhecer uma tentativa de tornar a relação ensino-aprendizagem mais horizontal, buscando integrar a tecnologia como ferramenta de trabalho, especialmente no anseio de comportamentos e habilidades necessários para o mercado de trabalho e a preocupação com a resolução de possíveis problemas referentes às transformações no nosso Planeta. O próprio Programa (PECEB) justifica sua implementação no âmbito nacional devido às necessidades de mudança significativa por meio dos processos sociais: o desenvolvimento de novas tecnologias, a preocupação com o mercado de trabalho e as transformações que comprometem o Planeta, convergindo num entendimento de Educação preocupada com a sustentabilidade.

Podemos verificar, no próprio Programa, que os critérios para identificar as escolas inovadoras e criativas no território nacional convergem para o incentivo à corresponsabilização na construção e gestão do projeto político pedagógico, à valorização do desenvolvimento integral e da produção do conhecimento e cultural a partir das identidades do território e da sustentabilidade, ao estímulo para criar espaços físicos com intenção

humanizada, acolhedora e solidária, a instigar o protagonismo do estudante e movimentar outras esferas sociais além da escola.

É possível perceber que as inovações nas instituições visitadas ocorrem na centralização do processo de ensino-aprendizagem na figura do aluno, buscando a humanização na/da escola e dos métodos pedagógicos, a fim de ir na contramão do ensino dito tradicional. Outrora também é notável que a escola corrobore para uma preocupação com a educação ambiental e a sustentabilidade, visto o engajamento para a valorização dos elementos culturais locais e as transformações dos espaços escolares.

Nessa caminhada para investigar as escolas inovadoras de Santa Catarina, foram encontradas no percurso pessoas que, embora apresentem significativa experiência em Educação, permanecem motivadas e se esforçam para cumprir tanto seus deveres quanto suas crenças. As entrevistas nas três escolas visitadas ocorreram exatamente com as pessoas responsáveis por inscrever seus projetos para concorrer ao PECEB 2015. Pôde-se notar grande satisfação ao receber o pesquisador, mas, principalmente, por exporem o engajamento e o esforço no trato com a formação dos alunos que ali estudam. Resgata-se o que Freire (2000) aponta como um movimento de luta para a não desistência, para a não acomodação na escola, nas práticas pedagógicas e nos sistemas educacionais.

O problema desta pesquisa é desvelado pela análise realizada a partir das exposições, durante as entrevistas e pelo exposto no site do PECEB, visto que a conceituação documental sobre inovação das escolas pesquisadas não existe. A contribuição para a formação humana, ainda que superficial em relação à inovação, supera os fins desenvolvimentistas que possa assumir, considerando que as mudanças realizadas nessas instituições, para a busca pela produção do conhecimento e pela preocupação com a vida presente e futura dos alunos. Tais conclusões somente foram possíveis pelo aprofundamento nas perspectivas teóricas da inovação, pela compreensão dos critérios para a seleção dessas instituições e pelas intencionalidades expressas pelos profissionais responsáveis pelos projetos escolares.

Numa pesquisa futura, entre possíveis caminhos, cabe aprofundar os dados das escolas pesquisadas a partir da observação, de outros sujeitos e outros recursos e também aprofundar as análises, levantando dados de mais escolas premiadas, e investigar novos documentos que norteiam a Educação Básica, a fim de potencializar a compreensão da inovação na área da Educação.

Esta pesquisa também tem a possibilidade de auxiliar professores e instituições que buscam inovar na Educação. Em virtude da apresentação de casos premiados, que podem ser

exemplos positivos, e pelas perspectivas teóricas levantadas, um pontapé inicial para mudanças na Educação Básica foi dado, alertando a atenção necessária que deve ser dada à intencionalidade dos projetos, ações e parcerias.

A escola almejada, formadora de um cidadão crítico, com opinião, possibilitando desenvolvimento integral dos estudantes, necessita de professores e equipe pedagógica motivados e determinados a desempenhar seu papel no processo formativo, tal processo poderia ser ponderado em formações pedagógicas que acontecem em todas as escolas: formação continuada, permanente. É importante salientar que a Educação não é responsabilidade apenas da comunidade escolar, pois o poder público federal, estadual e municipal devem também cumprir sua função. Resta saber se, nessa engrenagem, todos envolvidos estão dispostos a colher os frutos do que se planta.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: questões de teoria e método. **Educ. Tecnol.**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 29-35, jan./jun. 2005.
- BAUMANN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- BRASIL. [Constituição de 1988]. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: <http://bit.ly/32gcZmz>. Acesso em: 8 set. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. **A iniciativa**. Brasília, DF: MEC, 2015a. Disponível em: <http://criatividade.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 ago. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Mapa da inovação**. Brasília, DF: MEC, 2015b. Disponível em: <http://criatividade.mec.gov.br/> Acesso em: 20 ago. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **O que é inovação e criatividade**. Brasília, DF: MEC, 2015c. Disponível em: <http://criatividade.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 ago. 2018.
- CAMPOS, M. C. C.; NIGRO, R. G. **Didática de ciências: o ensino-aprendizagem como investigação**. São Paulo: FTD, 1999.
- CARDOSO, A. Educação e inovação. **Revista Millenium**, n. 6, 1997. Disponível em: <http://bit.ly/2lCZjkS>. Acesso em: 8 set. 2019.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- CUNHA, M. I. Inovações pedagógicas: o desafio da reconfiguração de saberes na docência universitária. **Cadernos de Pedagogia Universitária**, n. 6, São Paulo: USP, 2008.
- FAZENDA, I. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 1994.
- FERRETTI, C. J. A inovação na perspectiva pedagógica. *In*: GARCIA, W. E. **Inovação educacional no Brasil: problemas e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 1980. p. 55-82.
- FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.
- FREITAS, G. Por que as inúmeras ideias de inovação na educação não encontram o seu fim prático? **Revista Labirinto**, ano XVI, v. 24, n. 1, jan./jun. p. 100-117, 2016.
- FRIGOTTO, G. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. *In*: JANTSCH, P. A.; BIANCHETTI, L. (orgs.). **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 25-49.

- FURASTÉ, P. A. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico**: elaboração e formatação, explicação das normas da ABNT. 14. ed. Porto Alegre: Dactilo Plus, 2007.
- GADOTTI, M. **Educar para a sustentabilidade**: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Unifreire, 2008.
- GARCIA, W. E. (org.). **Inovação educacional no Brasil**: problemas e perspectivas. São Paulo: Cortez, 1980.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- HERNANDEZ, F.; SANCHO, J. **Aprendendo com as inovações nas escolas**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- HUBERMAN, A. M. **Como se realizam as mudanças em educação**: subsídios para o estudo da inovação. São Paulo: Cultrix, 1973.
- KRASILCHIK, M. Inovação no ensino de ciências. *In*: GARCIA, W. E. **Inovação educacional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1980.
- LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para que?** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- MARTINS JUNIOR, J. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso**: instruções para planejar e montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- MASETTO, M. Inovação na Educação Superior. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 8, n. 14, p. 197-202, fev. 2004.
- MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**: edição compacta. São Paulo: Atlas, 1996.
- MEC. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI). **Vamos cuidar do Brasil com escolas sustentáveis**: educando-nos para pensar e agir em tempos de mudanças socioambientais globais. Brasília, DF: MEC, 2012.
- MESSINA, G. Mudança e inovação educacional: notas para reflexão. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, 2001.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- MOTA, R. Inovação e aprendizagem independente na Educação Básica. **Ciência e Natura**, v. 36, 2014, p. 121-129. Disponível em: <http://bit.ly/2m7nqsd>. Acesso em: 8 set. 2019.

MOVIMENTO DE INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO. Faça parte do movimento de Inovação na Educação. São Paulo, 6 dez. 2018. Disponível em: <http://bit.ly/2kbgSYT>. Acesso em: 8 set. 2019.

NOGARO, A.; BATTESTIN, C. Sentidos e contornos da inovação na Educação. **Revista Holos**, ano 32, v. 2, dez./mar. p. 357-372, 2016.

OCDE. **Inspirados pela tecnologia, norteados pela pedagogia: uma abordagem sistêmica das inovações educacionais de base tecnológica**, 2010.

PEREIRA, A. S. Ensino e interdisciplinaridade: o que expressam registros, discursos e práticas. **Revista de Educação Pública**, v. 22, n. 51, p. 837-854, set./dez. 2013. Disponível em: <http://bit.ly/2kBnNKT>. Acesso em: 8 set. 2019.

PEREIRA, T. **Democracia e inovação pedagógica na Educação Básica: uma análise à luz da Teoria Crítica da Sociedade**. Dissertação (Mestrado em Educação) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo: PUC, 2017.

ROMANOWSKI, J.; ENS, R. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação, **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, sep./dic., 2006, p. 37-50. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Disponível em: <http://bit.ly/2koV9Nj>. Acesso em: 8 set. 2019.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SAVIANI, D. A filosofia da Educação e o problema da inovação em Educação. *In*: GARCIA, W. E. (org.). **Inovação educacional no Brasil: problemas e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 1980. p. 15-29.

SCHUMPETER, J. A. **A teoria do desenvolvimento econômico**. (1911). São Paulo: Abril Cultural, 1982.

TEIXEIRA, C. **Inovar é preciso: concepções de inovação em educação dos programas ProInfo, Enlaces e Educar**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, UDESC, 2010.

THIESEN, J. S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, n. 39, v. 13, set./dez. 2008. p. 545-554. Disponível em: <http://bit.ly/2k9I3mQ>. Acesso em: 8 set. 2019.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VEIGA, I. Inovações e projeto político-pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória? **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 23, n. 61, p. 267-281, dez. 2003. Disponível em: <http://bit.ly/2kyxTfH>. Acesso em: 8 set. 2019.

WANDERLEY, E. Parâmetros sociológicos da inovação. *In*: GARCIA, W. (coord.) **Inovação educacional no Brasil**: problemas e perspectivas. São Paulo: Autores Associados, 1980.

YOUNG, M. O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: o argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplinas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 48, vol 16, Rio de Janeiro, Set/Dez, 2011, p. 609–623. Disponível em: <http://ref.scielo.org/gnts94>  
Acessado em: 01 de out. 2019.

**ANEXOS**

## ANEXO A – QUADRO ESTADO DA ARTE – INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO

Referência	Campo da Inovação	Conceito de Inovação	Autores mais citados / Relevância
CORDEIRO, M. M.; POZZO, D. N. O processo de inovação na educação: um estudo em uma organização educacional. <b>Gestão e Desenvolvimento</b> , v. 12, n. 2, jul./dic. 2015, p. 130-149. Disponível em: <a href="http://bit.ly/2m7xRMj">http://bit.ly/2m7xRMj</a> . Acesso em: 8 set. 2019.	Inovação no processo de ensino-aprendizagem e na metodologia; Inovação de serviço – visto que é realizado um estudo de caso em escola privada; Inovação para impactar o desempenho dos estudantes e consequentemente da economia.	Melhoria no desempenho dos estudantes, que acaba por impactar todo o sistema econômico-produtivo de um país; Inovação deve permear não apenas os processos pedagógico-didáticos do sistema educacional, mas precisam ainda estar alinhados com a capacidade das escolas de alterar suas sistemáticas de gestão; Inovação de processo que se propõe aumentar resultados acadêmicos como fim econômico.	FULLAN (2002); GARCIA (1995); HUBERMAN (1973); SAVIANI (1995); THURLER (2001).
QUINTANILHA, L. Inovação pedagógica universitária mediada pelo Facebook e YouTube: uma experiência de ensino-aprendizagem direcionado à Geração-Z. <b>Educar em Revista</b> , v. 33, n. 65, p. 249-263. Disponível em: <a href="http://bit.ly/2m0NDbz">http://bit.ly/2m0NDbz</a> . Acesso em: 8 set. 2019.	Desafios do Ensino Superior devido à transformação da sociedade; Aplicação de métodos inovadores para estímulo aos alunos; Aproximação com os estudantes para renovar métodos de ensino para a melhoria do ensino-aprendizagem; Uso de tecnologias virtuais.	Inovação: mudança metodológica para aproximação com os alunos; Renovação no sistema educativo para tornar mais prazerosa a realidade vivida pelos alunos.	MASETTO (2004); MORÁN (2015);
PADILHA, M. A. S.; ZABALZA, M. A. Um cenário de integração de tecnologias digitais na Educação Superior: em busca de uma coreografia didática inovadora. <b>Revista e-Curriculum</b> , v. 14, n. 3, jul./sep. 2016, p. 837-863. Disponível em: <a href="http://bit.ly/2m5wMob">http://bit.ly/2m5wMob</a> . Acesso em: 8 set. 2019.	Integração de tecnologias digitais no Ensino superior; Inovação para promoção de práticas que favoreçam a flexibilização curricular; Foco na aprendizagem do aluno; Estudo de caso a partir de uma experiência; Recursos didáticos como mediadores do conhecimento.	Ruptura no paradigma com a forma tradicional de ensinar e aprender para uma gestão participativa dos sujeitos do processo de aprendizagem, desde sua concepção até sua análise de resultados, reconfigurando saberes, relacionado ao abandono das estratificações dualistas entre saber científico/saber popular, teoria/prática, corpo/alma, razão/emoção, objetividade/subjetividade, por meio de uma compreensão integradora da totalidade.	CUNHA (2008); MASETTO (2004; 2012); PADILHA; CORDEIRO (2013); SILVA (2011).
FELDMANN, M. G.; MASETTO, M. T.; FREITAS, S. A. Formação inicial de educadores:	Relação entre formação e currículo por meio do trabalho pedagógico e da	Mudança curricular pela comunidade escolar chegando da formação inicial até a formação continuada.	FELDMANN (2009);

<p>currículo, trabalho pedagógico e inovação. <b>Revista e-Curriculum</b>, v. 14, n. 3, jul./sep. 2016, p. 1130-1150. Disponível em: <a href="http://bit.ly/2IKGNqs">http://bit.ly/2IKGNqs</a>. Acesso em: 8 set. 2019.</p>	<p>inovação; Surgimento de novos compromissos educacionais que são emergentes devido à relação histórico-social; Procura por propostas inovadoras sobre arquiteturas curriculares diferenciadas e suas concepções e sobre o trabalho pedagógico delas decorrentes.</p>		<p>MASETTO (2004; 2012);</p>
<p>DELGADO, D. M. Inovação em educação na berlinda: da instrumentalização à emancipação. <b>Linhas Críticas</b>, v. 21, n. 46, sep./dic. 2015, p. 764-783. Disponível em: <a href="http://bit.ly/2IE4yka">http://bit.ly/2IE4yka</a>. Acesso em: 8 set. 2019.</p>	<p>Inovação na Educação na área política e de gestão educacional; Inovação e sua relação com o setor produtivo e com a política de ciência e tecnologia no contexto em que é valorizada como fator gerador de vantagens competitivas para o mercado.</p>	<p>Inovação associada à necessidade de mudança de aspectos da Educação condicionados por fatores determinantes externos à organização escolar; inovação prescritiva e normativa, exigindo uma participação dos professores nesse processo de inovação; inovação como política educacional com elementos instrumentais de administração, controle e avaliação; Inovação enquanto emancipação é uma produção humana atrelada à realidade histórica e social: luta contra a forma instituída e com os mecanismos de poder.</p>	<p>ADORNO (1995; 2008, 2009; 2010) VEIGA (2003) HUBERMAN (1973) NÓVOA (1992) SANDER (2007)</p>
<p>CASSOL, A.; CANELA, R.; RUAS, R. L.; BIZZARIAS, F. S.; SILVA, J. G. O grande desafio das instituições de ensino superior: as práticas pedagógicas criativas são capazes de estimular a inovação nos discentes? <b>Revista Alcance</b>, v. 22, n. 3, jul./sep. 2015, p. 394-409. Universidade do Vale do Itajaí, Biguaçu. Disponível em: <a href="http://bit.ly/2m6tj8V">http://bit.ly/2m6tj8V</a>. Acesso em: 8 set. 2019.</p>	<p>Inovação no Ensino Superior por meio das práticas docentes criativas; Importância da inovação para novas ideias que possam ensejar no aluno um ambiente de reflexão; Relação de complementariedade entre criatividade e inovação;</p>	<p>Aplicabilidade de ideias criativas; Fazer algo que já existe de um modo novo, diferente do usual; Geração de ideias, promoção e implementação de ideias; Mudanças ocorridas no ensino a partir de ações e interações dos atores sociais, levando à melhoria da qualidade para o ensino e à melhora da autonomia da instituição.</p>	<p>SAVIANI (1995) CARDOSO (1997) PERRENOUD (1999) VEIGA (2003) SCHUMPETER (1982)</p>
<p>MASETTO, M. T.; ZUKOWSKY-TAVARES, C. Formação de professores para currículos inovadores no ensino superior: um estudo num curso de direito. <b>Revista e-Curriculum</b>, v. 13, n. 1, ene./mar. 2015, p. 5-27. Disponível em: <a href="http://bit.ly/2kyCKNX">http://bit.ly/2kyCKNX</a>. Acesso em: 8 set. 2019.</p>	<p>Investiga a formação docente em currículo inovador na área jurídica; Novas habilidades do docente: aulas dinâmicas com mudança de postura e com novas habilidades; Processo de formação docente coerente e integrado à inovação que se deseja implantar; Êxito de projetos inovadores a partir da constituição e formação do corpo</p>	<p>Flexibilização curricular; Interdisciplinaridade; Desenvolvimento do processo de aprendizagem dos alunos na construção do conhecimento, no desenvolvimento de habilidades e competências; Emprego de metodologias ativas e participativas.</p>	<p>MASETTO (2009)</p>

	docente.		
SOUZA, S. C.; DOURADO, L. Aprendizagem baseada em problemas (ABP): um método de aprendizagem inovador para o ensino educativo. <b>Holos</b> , v. 5, 2015, p. 182-200. Disponível em: <a href="http://bit.ly/2k5E0I3">http://bit.ly/2k5E0I3</a> . Acesso em: 8 set. 2019.	Mudanças na prática pedagógica tendo em vista uma aprendizagem significativa em contraponto ao modelo de aula padrão; Estratégia de método em que estudantes trabalham com o objetivo de solucionar um problema real ou simulado a partir de um contexto (Aprendizagem Baseada em Problemas); Aluno como protagonista do seu próprio aprendizado por meio da pesquisa; Vislumbra investir na formação de professores com vistas ao desenvolvimento de competências que lhes permitam recuperar a dissensão essencial do ensino e da aprendizagem, que é a produção de conhecimento pertinente e significativo.	Estratégias de métodos para aprendizagem, centrada no aluno, tendo em vista a produção do conhecimento; Novo modelo didático que promove uma aprendizagem integrada e contextualizada.	BARROWS (1986); DELISLE (2000) LEITE; ESTEVES (2005); SAVIANI (1991);
RISTOFF, D. Os desafios da educação superior na Ibero-América: inovação, inclusão e qualidade. <b>Revista da Avaliação da Educação Superior</b> , v. 18, n. 3, nov., 2013, p. 519-545. Disponível em: <a href="http://bit.ly/2kyLnIj">http://bit.ly/2kyLnIj</a> . Acesso em: 8 set. 2019.	Ações que são postas em prática no Brasil e em outros países da Ibero-América, que apontam para avanços e entraves, dentre eles a política de inovação e uso intensivo de novas tecnologias de informação e comunicação.	Estratégias para o desenvolvimento econômico; Aproximação e acessibilidade maior da população para um Ensino Superior tendo em vista uma mudança da realidade para um futuro desejável.	PNE (2001) UNESCO (2010)
ARANTES-PEREIRA, C.; FELDMANN, M. G.; MASETTO, M. T. Projetos inovadores e a formação de professores: o caso do projeto da Universidade Federal do Paraná Litoral (UFPR-Litoral). <b>Revista e-Curriculum</b> , v. 12, n. 1, ene./abr. 2014, p. 1057-1081. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <a href="http://bit.ly/2lGoVNB">http://bit.ly/2lGoVNB</a> . Acesso	Preocupação com a formação dos docentes universitários que participam de projetos educacionais e curriculares considerados inovadores; Analisa a formação em serviço de docentes universitários para buscar o significado dos sujeitos sobre essa inovação com foco no Projeto	Conceito amplo e multidimensional, como o conjunto de alterações que afetam pontos chave e eixos constitutivos da organização do ensino universitário, provocadas por mudanças na sociedade ou por reflexões sobre concepções intrínsecas à missão da Educação Superior que se volta para os aspectos de uma nova proposta educacional afetando toda a Universidade; Novidades da era tecnológica da informação e comunicação,	HERNANDEZ E SANCHO (2000) CARBONELL (2002) UNESCO (1998) ARANTES-

em: 8 set. 2019.	Curricular Inovador da Universidade Federal do Paraná.	o interesse em superar a fragmentação nos diversos campos do conhecimento, a busca por um saber interdisciplinar.	PEREIRA (2012) CUNHA (2008) MASTTO (2004; 2009; 2012)
------------------	--	---	---

## ANEXO B – QUADRO ESTADO DA ARTE – INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Referência	Campo da Inovação	Conceito de Inovação	Autores mais citados / Relevância
<p>MOTA, R. Inovação e aprendizagem independente na Educação Básica. <b>Ciência e Natura</b>, v. 36, 2014, p. 121-129. Disponível em: <a href="http://bit.ly/2m7nqsd">http://bit.ly/2m7nqsd</a>. Acesso em: 8 set. 2019.</p>	<p>Aplicação de metodologia de aprendizagem independente; Preparar o aluno para o mundo onde a inovação é central; Tecnologias digitais na relação com as experiências educacionais;</p>	<p>Novidade: fruto da criatividade humana; Inovação: relação entre descoberta e invenção; Inovação associada para gerar produtos para atender demandas necessárias.</p>	<p>SCHUMPETER (1982)</p>
<p>BASSOLI, F. Atividades práticas e o ensino-aprendizagem de ciência(s): mitos, tendências e distorções. <b>Ciênc. Educ.</b>, Bauru, v. 20 n. 3, jul./set. 2014. Disponível em: <a href="http://bit.ly/2kzld8k">http://bit.ly/2kzld8k</a>. Acesso em: 8 set. 2019.</p>	<p>Aulas experimentais e atividades práticas na Educação Básica, na disciplina de Ciências.</p>	<p>O texto não apresenta um conceito de inovação, mas referencia a inovação como uma mudança metodológica na aplicabilidade dos conteúdos disciplinares.</p>	<p>KRASILCHIK (1980) CAMPOS, NIEGRO (1999)</p>
<p>GHANEM JÚNIOR, E. Inovação em escolas públicas de nível básico: o caso Redes da Maré (Rio de Janeiro, RJ). <b>Educ. Soc.</b>, v. 34 n. 123, Campinas, SP, abr./jun. 2013. Disponível em: <a href="http://bit.ly/2kBnvUj">http://bit.ly/2kBnvUj</a>. Acesso em: 8 set. 2019.</p>	<p>Estudo de caso de inovação educacional de uma ONG junto a escolas públicas; Diferença das práticas educacionais costumeiras em escolas públicas de Educação Básica de modo geral, mas, particularmente, em áreas urbanas de grande pobreza.</p>	<p>O estudo de caso relata experiências que aconteceram entre ONGs e escolas públicas, não aprofundando teoricamente no conceito de inovação. O texto faz referências em que a inovação é a prática pedagógica diferente das práticas tradicionais de ensino.</p>	<p>HUBERMAN (1973)</p>

## **ANEXO C – ENTREVISTA COM EQUIPE TÉCNICA PEDAGÓGICA**

- I. Como a escola soube do PECEB e por que se interessou em se inscrever?
- II. O projeto continua em atividade?
- III. Há/houve uma avaliação permanente do projeto, um acompanhamento pelo Programa?  
Se sim, quais?
- IV. Quais professores estão envolvidos nesse projeto?
- V. Com esse projeto, a metodologia de trabalho da gestão foi alterada? Como?
- VI. Como a equipe técnica pedagógica compreende inovação na Educação?
- VII. Essa prática inovadora (local/ação didática) mudou algo na formação dos alunos? Qual a contribuição dela para a aprendizagem dos alunos?
- VIII. A escola obteve algum recurso financeiro após a premiação? Se sim, qual a fonte financiadora?

**ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO****UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO  
DISSERTAÇÃO****TERMO DE CONSENTIMENTO**

Pelo presente instrumento, declaro que fui informado(a) de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa da pesquisa que integra a Dissertação de Mestrado em Educação.

Tenho o conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta atividade de pesquisa. Entendo que não serei identificado(a) e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas.

Concordo em participar deste estudo, bem como autorizo para fins exclusivamente desta pesquisa as informações coletadas.

O mestrando responsável por esta pesquisa é LUCAS FÉLIX DO NASCIMENTO, que poderá ser contatado pelo e-mail: lucasfelix\_16@hotmail.com.

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Nome do entrevistado: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura